

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

RAIANA CRISTINA DIAS DA CRUZ

SINTAXE E ESTILO EM VIEIRA: UM OLHAR SOBRE A SUBIDA DE CLÍTICOS

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

RAIANA CRISTINA DIAS DA CRUZ

SINTAXE E ESTILO EM VIEIRA: UM OLHAR SOBRE A SUBIDA DE CLÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof^ª. Dra. Cristiane Namiuti Temponi

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

C96s	<p>Cruz, Raiana Cristina Dias da. Sintaxe e estilo em vieira: um olhar sobre a subida de clíticos. / Raiana Cristina Dias da Cruz; orientadora Cristiane Namiute -- Vitória da Conquista, 2019. 99f.</p> <p>Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) -- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Inclui referência F. 89 – 90.</p> <p>1. Subida de clítico. 2. Padre Antônio Vieira – Sermão- Estilo. 3. Sintaxe. I. Namiute, Cristiane. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 469.798</p>
------	---

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
 UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Syntax and Style in Vieira: a look at the Clitic Climbing

Palavras-chave em inglês: Syntax. Style. Clitic Climbing.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Cristiane Namiuti (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Viana Santos (UESB) e Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (UNICAMP)

Data da defesa: 28/03/2019

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

RAIANA CRISTINA DIAS DA CRUZ

SINTAXE E ESTILO EM VIEIRA: UM OLHAR SOBRE A SUBIDA DE CLÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 28 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristiane Namiuti-Temponi
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Prof. Dr. Jorge Viana Santos
Instituição: UESB

Ass.:  _____

Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland
Galves
Instituição: UNICAMP

Ass.:  _____

Em todas as outras coisas o deixar de ser é sinal de que já foram; no amor o deixar de ser é sinal de nunca ter sido. Deixou de ser? Pois nunca foi. Deixastes de amar? Pois nunca amastes. O amor que não é de todo o tempo, e de todos os tempos, não é amor, nem foi, porque se chegou a ter fim, nunca teve princípio.

Padre António Vieira (Sermão do Mandato, 1643)

Dedico este trabalho e toda a minha vida à minha mãe, Ana, pelo seu amor sem medida, por se dedicar tanto a mim, fazendo sempre de tudo para me ver feliz e cuidando de tudo para que eu chegasse aqui.

Ao meu pai, Raimundo (em memória), por sempre ter confiado em mim e ter dedicado tudo pelo qual sempre lutou a mim e ao meu querido irmão Jair.

À minha avó materna, Ana Rita (em memória), pela ternura que transbordou em minha vida e pelos valores humanos que me ensinou e que sempre buscou transmitir aos seus netos, que ela tanto amou.

A uma pessoa muito especial em minha vida, amor sublime, que levo comigo para sempre em meu coração. A sua amizade, a sua lindeza, doçura, leveza, e o seu sorriso lindo são para mim luz e vida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, por essa acolhida institucional para mim tão importante e valiosa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, por ter me proporcionado essa oportunidade de crescimento pessoal e formação acadêmica de excelente qualidade.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

Ao Laboratório de Linguística de Corpus (Lapelinc), pela acolhida que me proporcionou desde minha chegada à UESB, tornando-se o meu lugar de referência dentro da instituição. No espaço do Lapelinc, vivi momentos marcantes em minha vida.

À minha orientadora, a Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Namiuti, por quem tenho grande admiração, pela pessoa extraordinária que é, e pela dedicação, seriedade e qualidade naquilo que faz como pesquisadora e como profissional. Agradeço por seus ensinamentos em relação à Pesquisa, à Academia, à vida, e por sua amizade sempre carinhosa.

À Prof^ª. Dr^ª. Charlotte Galves, por quem tenho um respeito imenso e uma admiração profunda, pela pessoa sempre agradável e atenciosa que é; por vasta sua contribuição à pesquisa, sobretudo em sintaxe, e pelas valiosas contribuições a este trabalho.

Ao Prof. Dr. Jorge Viana, com quem também tive a oportunidade de conviver, sobretudo no ambiente do Lapelinc, e aprender com sua experiência humana e acadêmica, e admirar pelo seu trabalho e pelo vasto conhecimento que possui, com seu aguçado senso de humor. Agradeço, ainda, pelas valiosas contribuições a este trabalho.

Ao corpo docente do PPGLin, em especial à Prof^ª. Dr^ª. Vera Pacheco, Prof^ª. Dra. Cristiane Namiuti Prof^ª. Dr^ª. Marian Oliveira, à Prof^ª. Dr^ª. Maria Conceição Fonseca-Silva, Prof. Dr. Jorge Viana e ao Prof. Dr. Adilson Ventura; por tudo o que me ensinaram, e mais ainda pelo amparo nas dificuldades, sobretudo nas questões de saúde.

Aos funcionários da Secretaria do PPGLin (Vanêide Ribeiro, Luciana Ferraz e Jonathan Lopes) e do PPGMLS (Wilma, Andreia, Rossana, Valquíria e Tâmara)

Aos funcionários que cuidam dos serviços gerais, segurança, e atendimento na Biblioteca Fabiana, Val (serviços gerais), Fábio (guarita) e Saulo (Biblioteca).

Aos meus colegas de turma, em especial Amanda Domingues, Cristiane Abreu, Daniely Ferraz, Danilo Sobral, Denise Viana, Emerson Braga, Francisco de Assis, Jaqueline Feitosa,

Lécio Assis, Mary Azeredo, Maura Cangirana, Mirian Valverde e Thaís Brito, pelo apoio e motivação.

À minha amada Prof^a. Dra. Vera Pacheco, que sempre terá a minha admiração, o meu respeito e a minha gratidão pelo ser humano lindo que é; pela inspiração de vida, pela sua competência e excelência como pesquisadora e no exercício da profissão. Agradeço por tudo o que recebi dela, por tudo o que aprendi com ela, por seus conselhos tão cheios de sabedoria, por sua leveza, pela amizade linda, por ter marcado a minha vida para sempre, com tanto carinho e gentileza; por estar comigo em todos os momentos, por ser tão importante e especial em minha vida.

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos de Oliveira e a minha linda e doce amiga Tininha, por terem sempre me acolhido com tanto carinho e amizade.

À minha mãe Ana, que é a razão de tudo, e que está comigo o tempo todo, com o seu amor, que sempre fez tudo por mim, com total entrega, sem nenhum limite, sem nenhuma condição. Agradeço à minha heroína, minha inspiração de vida, minha força e amparo, meu ponto de referência no mundo, meu abrigo e meu lar, para onde sempre vou voltar; a quem devo tudo, e a quem dedico o que sou, a minha vida e o meu amor.

Ao meu irmão Jair, à minha cunhada Michelly e à minha sobrinha Mikaelly, pela força e apoio que deram durante esse tempo.

À minha querida Kátia Aguiar e ao seu esposo Jonilson Aguiar por tudo o que fizeram e fazem por mim, com um amor materno e paterno, com tanto carinho e generosidade.

Aos meus familiares e amigos que me incentivaram e apoiaram, fazendo-se presentes de tantas formas e com palavras tão carinhosas, em especial, Prof^a Márcia Oliveira, Prof^a. Dinalva Novais, Prof^a. Dra. Vivian Meira, Dom Armando Buccioli, Carla Rocha, Crawley, Cristian Cardoso, Enoque, Eva Aguiar, Fátima e José, Geraldo Oliveira, Isaac, João Carlos, Josany, Kleber Chaves, Lourelange, Luciana Ribeiro, Maria Aparecida, Moisés, Rogerinho, Sirlene, Thawloanna Bárbara e Zilene.

Aos meus filhotes, por expressarem um carinho verdadeiro, através do olhar.

A todas essas pessoas e a tantas outras que encontrei e encontro ao longo da caminhada. Pessoas que marcaram e continuam marcando minha vida. Pessoas atenciosas e carinhosas, que carregarei comigo por toda a minha vida. Sou muito grata, eternamente grata, a quem me estendeu a mão quando mais precisei; a quem me encantou com seu sorriso, suas palavras doces; a quem tão elegantemente me fez mimos, gentilezas; a quem me acolheu com tanta delicadeza, conquistou minha admiração, meu respeito, minha confiança, minha amizade, minha paixão, meu amor.

RESUMO

O nosso objetivo com este trabalho foi realizar um estudo descritivo da subida de clíticos nos Sermões do Padre António Vieira, observando a relação entre Sintaxe e Estilo, sob perspectiva teórica gerativista. Andrade (2010) interpreta o fenômeno da subida de clíticos (alçamento), a partir de fatores sintáticos. Nos resultados encontrados pelo autor, considerando as construções de “reestruturação”: estruturas que envolvem verbos auxiliares ou semi-auxiliares (especialmente aqueles com valor modal ou aspectual) e um verbo lexical numa forma não-finita; e a “união de orações”: construções envolvendo os verbos causativos (ou perceptivos) e um verbo no infinitivo não-flexionado, a grande variação entre os textos torna difícil a identificação da mudança. O fato de este fenômeno não ser categórico no Português Clássico (PCI) leva-nos a considerar a possibilidade da existência de restrições de ordem informacional atuando na variação subida/não-subida. Galves (2003) interpreta a colocação de clítico nos Sermões do Padre Vieira como um recurso estilístico do autor e observa que a alta frequência de ênclise, contrariando o padrão proclítico da época é justificada pelo estilo da obra, marcada pela oratória barroca, em que tópicos contrastivos são frequentes. Por isso, a autora não interpreta a ênclise nos Sermões de Vieira como pista gramatical do surgimento de uma nova gramática, no sentido gerativista do termo. O uso especial de ênclise nos Sermões é, segundo Galves (2003), viabilizado por uma gramática em que a próclise é o padrão não marcado e a ênclise um fenômeno associado a restrições da interface sintaxe/prosódia, condição favorecida pelo estilo do autor na obra citada. Seguindo a reflexão e análise de Galves para o uso da ênclise nos Sermões, verificamos a relação entre a colocação do pronome e sua posição alçada e não alçada, o contexto sintático e a estrutura informacional nos dados de subida e não subida atestados nos Sermões de Vieira. A edição dos Sermões do Padre António Vieira que utilizamos na pesquisa é a versão trabalhada, compilada e sintaticamente anotada do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe. Para a busca dos dados, lançamos mão da ferramenta Corpus Search. Os primeiros resultados da pesquisa, relacionados à quantidade de contextos de subida de clítico encontrados nos Sermões, apontam para o fato de que o fenômeno da subida de clítico seja sensível ao conteúdo informacional da sentença e, por conseguinte, a fatores discursivos.

PALAVRAS-CHAVE

Padre António Vieira. Sintaxe. Estilo. Clítico. Predicados Complexos.

ABSTRACT

Our objective with this work was to realize a descriptive study of the clitic climbing in the Sermons of Priest António Vieira, observing the relationship between Syntax and Style, under a generative theoretical perspective. Andrade (2010) interprets the phenomenon of the clitic climbing (scrambling), from syntactic factors. In the results found by the author, considering the constructions of “restructuring”: structures involving auxiliary or semi-auxiliary verbs (especially those with modal or aspectual value) and a lexical verb in a non-finite form; and “clause union”: constructions involving the causative (or perceptive) verbs and a verb in the uninflected infinitive, the great variation between the texts makes it difficult to identify the change. The fact that this phenomenon is not categorical in Classical Portuguese (CIP) take us to consider the possibility of the existence of informational order restrictions acting on the climbing / non-climbing variation. Galves (2003) interprets the clitic placement in Priest Vieira's sermons as a stylistic resource of the author, and observes that the high frequency of enclisis, contrary to the proclitic pattern of the time is justified by the style of the work, marked by baroque oratory, in which contrastive topics are common. For this reason, the author does not interpret the enclisis in the Sermons de Vieira as a grammatical track of the emergence of a new grammar, in the gerativist sense of the term. According to Galves (2003), the special use of enclisis in the Sermons is made possible by a grammar in which proclisis is the unmarked pattern and the enclisis a phenomenon associated with the restrictions of the syntax / prosody interface, a condition favored by the author's style in the work cited above. Following the reflection and analysis of Galves for the use of the enclisis in the Sermons, we verified the relation between the placement of the pronoun and its elevated and non-elevated position, the syntactic context and the informational structure in the climbing and non climbing data attested in the Sermons of Vieira. The edition of the Sermons of Priest António Vieira that we use in the research is the worked, compiled and syntactically annotated version of the Portuguese Corpus of Portuguese Tycho Brahe. For search the data, we use the Corpus Search tool. The first results of the research, related to the amount of clitic climbing contexts found in the Sermons, point to the fact that the clitic climbing phenomenon is sensitive to the informational content of the sentence and, consequently, to the discursive factors.

KEYWORDS

Priest António Vieira. Syntax. Style. Clitic. Complex Predicates.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos clíticos não-reflexos e reflexos	21
Quadro 2 – Próclise e Ênclise: sécs. XV-XIX	23
Quadro 3 – Síntese.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de subida e não-subida em orações matrizes com predicados complexos nos “Sermões”	63
Tabela 2 – Distribuição da subida e não-subida de clítico por domingo	63
Tabela 3 – Subida e não-subida de clítico em contexto de variação próclise vs. ênclise	64
Tabela 4 – Subida e não-subida de clítico em contexto de próclise obrigatória.....	65
Tabela 5 – Subida e não-subida de clítico em contexto de ênclise obrigatória	65
Tabela 6 – Quantidade de próclise e ênclise	66
Tabela 7 – Quantidade de próclise e ênclise em contexto de variação	67
Tabela 8 – A natureza do predicado na subida e na não subida	67
Tabela 9 – Distribuição de predicados de reestruturação e união de orações na subida e não-subida de clíticos.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cl	Clítico
Cl-V	Clítico-verbo (próclise)
CP	Sintagma complementizador (do inglês <i>complementizer phase</i>)
CTB	Corpus Tycho Brahe
DP	Sintagma determinante (do inglês, <i>determiner phrase</i>)
ECM	Marcação Excepcional de Caso (do inglês <i>exceptional marking case</i>)
FOC	Focalização
IntP	Sintagma entoacional (do inglês, <i>intonational phrase</i>)
IP	Sintagma flexional (do inglês, <i>inflectional phrase</i>)
MD	Morfologia Distribuída
PCl	Português Clássico
NP	Sintagma nominal (do inglês, <i>nominal phrase</i>)
PB	Português Brasileiro
PCl	Português Clássico
PE	Português Europeu Moderno
PP	Sintagma preposicional (do inglês, <i>prepositional phrase</i>)
T	Tempo
TOP	Topicalização
V2	Verbo em segunda posição
V-Cl	Verbo-clítico (ênclise)
VP	Sintagma verbal (do inglês, <i>verbal phrase</i>)
XP	Sintagma (do inglês, <i>phrase</i>)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 A SINTAXE DOS CLÍTICOS	20
2.1 Síntese sobre a ordem relativa do clítico em variedades antigas do português	21
2.2 A sintaxe dos clíticos no PCL.....	25
2.3 Sobre a formação de predicado complexo.....	28
2.4 O Português Clássico como uma língua V2.....	28
3 SINTAXE, ESTILO E OS SERMÕES.....	30
3.1 Clítico: uma categoria dependente de interfaces	32
3.2 Sermões: língua e estilo de Vieira	35
3.3 A sintaxe dos clíticos nos seiscentos: contribuições para o estudo da mudança linguística	41
4 CORPUS E METODOLOGIA.....	44
4.1 O corpus Tycho Brahe e os Sermões do Padre António Vieira	44
4.2 A busca com Corpus Search	45
4.3 Os fatores para a classificação e análise de dados.....	49
4.3.1 <i>Os verbos envolvidos</i>	49
4.3.2 <i>Tipo de predicado no complexo verbal</i>	51
4.3.3 <i>Tipo de complexo verbal</i>	52
4.3.4 <i>Tipo de clítico</i>	52
4.3.5 <i>Ordem e natureza dos constituintes no complexo verbal</i>	53
4.3.6 <i>Colocação do clítico</i>	53
4.3.7 <i>Contexto Sintático com relação a ordem relativa ênclise vs. próclise</i>	56
4.3.8 <i>O contexto discursivo (referências bíblico-teológicas)</i>	57
4.3.9 <i>O Sermão</i>	61
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	62
5.1 Análise dos dados conforme os fatores de classificação	66
5.1.1 <i>Colocação do clítico</i>	66
5.1.2 <i>Tipo de complexo verbal (natureza do predicado)</i>	67
5.1.3 <i>Verbos envolvidos</i>	67
5.1.4 <i>Tipo de predicado complexo</i>	68
5.2 Observações Gerais	68
5.3 A subida e a não-subida de clítico nos sermões.....	71

<i>5.3.1 A subida</i>	71
<i>5.3.2 A não-subida</i>	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	91
APÊNDICE A – Dados	91
APÊNDICE B - Classificação dos Fatores	96
APÊNDICE C – Metodologia	98

1 INTRODUÇÃO

Na Linguística, um assunto de pesquisa bastante recorrente é aquele relacionado à sintaxe do pronome clítico *que*, por ser uma partícula átona, para receber a tonicidade, depende de um hospedeiro, normalmente um verbo. A natureza dependente do pronome torna a investigação de sua sintaxe um objeto relevante para os estudos gramaticais, uma vez que, mesmo sendo um objeto átono, sua colocação é variável, podendo ocorrer enclítica ou procliticamente em relação ao verbo, e ainda figurar em fenômenos interessantes da história do português, tais como a possibilidade de, em fases antigas da língua, poder ocorrer de maneira não contígua ao verbo do qual é argumento, instanciando os fenômenos denominados, na literatura, respectivamente, de: a) interpolação - fenômeno que consiste no movimento do clítico para junto de um complementador ou operador subordinador deixando outro constituinte do sintagma verbal entre o clítico e o verbo (exemplificado em 1); (b) alçamento - fenômeno que consiste no movimento do clítico para junto do verbo auxiliar (exemplificado em 2):

*para saber o quanto **lhe** a coisa diminue ao longe* (1)

*se **o** devo esperar, eu o sei* (2)

(ANDRADE; NAMIUTI, 2016, p. 202)¹

A estabilização da ordem na Diacronia do Português é um *locus* privilegiado dos estudos gerativistas sobre mudança gramatical. De acordo com Namiuti (2011, p. 923), a variação superficial da ordem pode levar a hipóteses sobre as gramáticas, uma vez que revelam a estruturação dos núcleos funcionais da sintaxe.

O presente trabalho, que se enquadra na perspectiva teórica gerativista, terá como tema de investigação o fenômeno da “subida de clítico”, referido também, conforme aparece anteriormente, como alçamento.

Entende-se por “subida de clíticos” os casos em que, numa sentença com dois ou mais verbos, ocorre um clítico ligado ao verbo que não lhe fez atribuição de papel temático, em contexto de predicado complexo. Trata-se de um fenômeno comum às línguas românicas. Andrade (2010), cuja tese de doutoramento trata da subida de clíticos como principal fenômeno,

¹ Dados atestados por Andrade e Namiuti (2016), nos textos: *Da pintura antiga* de Francisco de Holanda (autor nascido em 1517); e *Cartas Familiares*, F. M. de Melo de Francisco Manuel de Melo (autor nascido em 1608), ambos disponíveis no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>)

faz um estudo que abrange a ocorrência desse num decurso de tempo que alcança, desde o Português Clássico (PCl) até o Português Europeu (PE). Observa sua possibilidade em dois tipos de predicados complexos com características sintático-semânticas distintas: a “reestruturação” (estruturas que envolvem verbos auxiliares ou semi-auxiliares, como exemplificado em 3) e a “união de orações” (construções envolvendo os verbos causativos e perceptivos, como exemplificado em 4):

O João ia-se esquecendo do convite; (3)

O patrão mandou-lhes lavar o chão. (4)

O autor nota como importante o fato de que, com os predicados causativos e perceptivos, que caracterizam as construções de “União de Orações”, está disponível a Marcação Excepcional de Caso (ECM)². Em razão disso, como aponta Andrade:

Frases com verbos intransitivos encaixados em que o argumento é pronominalizado (como O João mandou-os sair) são ambíguas entre a construção de “união de orações” – tendo em conta que o argumento externo encaixado (chamado de causado) recebe Caso acusativo por ser demovido de sua posição – e a construção de “marcação excepcional de caso” – na análise em que o causado permanece em sua posição, mas o verbo infinitivo não pode “atribuir” Caso nominativo, dado o seu caráter defectivo (ANDRADE, 2010, p. 4).

Ainda de acordo com Andrade (2010), o fenômeno se manifesta mediante a presença de um traço associado a uma categoria de camada flexional, cujo efeito semântico é de pressuposição do referente do clítico.

O clítico alçado retoma, portanto, um elemento saliente no discurso e assume a função de tópico secundário na sintaxe, estando a subida de clítico relacionada com a estrutura informacional, explicando assim a posição do clítico alçada e não alçada na estrutura da sentença. A variação subida/não-subida do pronome trata-se, portanto, de um fenômeno de interface (ANDRADE, 2010).

A relação entre conteúdos de natureza semântica e a sintaxe ganha, portanto, um caráter especial para a sintaxe dos clíticos. O conteúdo informacional da sentença parece ser relevante

² Do inglês, Exceptional Case Marking (ECM). De acordo com Chomsky (1999, p. 176), em determinados contextos, um verbo acusativo pode atribuir caso acusativo não somente ao seu objeto, mas também ao sujeito do seu complemento não-finito, um fenômeno chamado de marcação de caso excepcional.

para a posição do clítico e para a colocação variável do pronome atono em relação ao seu hospedeiro, inclusive em sentenças principais neutras com predicados simples. A variação entre próclise ou ênclise no PCI, segundo Galves (2003), Galves, Brito e Paixão-de-Sousa (2005), entre outros trabalhos, está relacionada a uma gramática V2, sendo a ênclise um fenômeno V1.

Vieira é grande nome das Letras luso-brasileiras. Considerado o maior pregador do seu tempo, escreveu cerca de 700 cartas, 200 sermões, vários textos proféticos e também poesias. A escolha por um estudo sobre a subida de clítico, peculiarmente nos *Sermões* do Padre Vieira, se dá a partir de duas considerações. Em primeiro lugar, pelo fato de que a sintaxe dos clíticos nos *Sermões* do Padre António Vieira se apresenta diferentemente da sintaxe dos clíticos de seus contemporâneos e de si mesmo em suas *Cartas*. Vieira, em seus *Sermões*, apresenta uma alta frequência de ênclise, fato que fez com que Martins (1994) o considerasse já um representante do Português Europeu Moderno. Todavia, considerando um maior número de textos do século XVII, a alta frequência de ênclise nos *Sermões* de Vieira se apresenta como um ponto fora da curva de mudança (GALVES; BRITO; PAIXÃO-DE-SOUSA, 2005), fato que levou a professora Charlotte Galves e sua equipe de pesquisadores (projeto temático Padrões Rítmicos Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística (FAPESP 98/03382-0 e 04/03643-0)) a questionar a natureza dessa variação na sintaxe dos clíticos. De acordo com Galves (2003) as construções contrastivas favorecem a estrutura V1 e, por consequência, a ênclise, e esta é a explicação que dá a autora para a alta frequência de ênclise nos *Sermões*, contrariando o “padrão” proclítico da época.

Em segundo lugar, porque partimos da ideia de que o estilo do texto interfere na Sintaxe por favorecer estruturas com tópicos salientes. O estilo discursivo empregado por Vieira em seus *Sermões* favorece construções contrastivas, que por sua vez podem também influenciar duplamente a variação do pronome em orações principais com predicados complexos: sua posição nas construções de subida e não-subida do pronome clítico, e sua colocação ênclise/proclise, pois, assim como a *ênclise*, o fenômeno da subida de clítico é um fenômeno variável na diacronia do português, não sendo a subida obrigatória em nenhum contexto no PCI, mas, diferentemente da ênclise, bastante atestada.

Vieira elabora nos *Sermões* construções de agudeza, permeadas de analogias e contrastes inesperados (SARAIVA, 1979). E isso compõe, em termos de estilo textual, um método de argumentação que é ensinado nos colégios jesuítas da época e ainda um estilo de escrita tido como um exercício de engenho, que se convencionou chamar de ‘conceptismo’, sobretudo dentro do contexto literário que ficou conhecido como Barroco. Isso implica em uma

escolha por uma determinada configuração sintática, com construções elaboradas em função de um estilo.

A proposta é fazer um estudo descritivo, através do qual pretende-se investigar os fatores que se relacionam e/ou favorecem a ocorrência da subida de clíticos em orações principais nos *Sermões* do Padre António Vieira. A pergunta que acompanha a problemática em torno do tema e seu desdobramento, conforme apresentado anteriormente é: existe alguma relação entre o estilo do texto e as preferências pela subida ou não-subida do clítico, em ênclise ou próclise, em orações principais com predicados complexos? Qual o papel da estrutura informacional para a posição e para a colocação do pronome?

Para atingir o objetivo do presente trabalho almejamos analisar, qualitativa e quantitativamente, a ocorrência de subida e não-subida nos *Sermões* do Padre António Vieira; verificar a relação entre posição e colocação do pronome e a estrutura informacional do texto e observar o padrão de colocação do clítico, com a finalidade de examinar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: a colocação do clítico (ênclise/próclise) em face à variação em sua posição (subida/não-subida) em predicados complexos nos *Sermões* do Padre António Vieira pode estar relacionada ao Estilo, à força ilocucionária na periferia esquerda da estrutura da oração, tal como o tópico contrastivo, sendo um fenômeno sintático, permitido ou regulado pela gramática do português clássico.

Hipótese 2 (Hipótese Nula): a colocação do clítico (ênclise/próclise) em face à variação em sua posição (subida/não-subida) em predicados complexos nos *Sermões* do Padre António Vieira pode não estar relacionada ao Estilo.

Os resultados gerados da análise da posição e colocação dos clíticos em predicados complexos nos *Sermões* apontam que o estilo discursivo empregado por Vieira favorece construções contrastivas, e também isso pode explicar as construções de subida e não subida do pronome clítico e sua colocação em relação ao verbo que o hospeda. Atesta-se nos *Sermões* aquilo que foi proposto por Galves (2003), em relação ao fato de que, em Vieira, há um estilo que favorece uma prosa que favorece uma determinada estrutura sintática, que por sua vez favorece a ênclise em orações raízes V2 (estruturalmente V1).

Em termos de estrutura, além dessa introdução, o texto possui uma segunda seção (seção 2) que fala sobre a sintaxe do clítico e o fenômeno da subida de clítico; uma terceira seção (seção 3) que reflete sobre a relação entre sintaxe e estilo e essa relação nos *Sermões* de Vieira; uma quarta seção (seção 4) que faz a apresentação do corpus da pesquisa e da metodologia usada para levantamento dos dados; a quinta seção (seção 5) para apresentação da análise dos

dados e discussões; e por fim as considerações finais; referências; e os apêndices contendo os dados, uma tabela com a classificação dos fatores e uma síntese das escolhas metodológicas.

2 A SINTAXE DOS CLÍTICOS

Quanto à derivação dos clíticos, estabelecemos os grandes tipos de propostas para os clíticos pronominais em PE, e nos identificamos como uma abordagem mista, pois consideramos que a sintaxe determina a posição do clítico e a colocação não-marcada, enquanto a (morfo)fonologia determina a colocação final do clítico (ANDRADE, 2010).

De acordo com Galves e Sândalo (2012), em um texto que trata sobre a gramaticalização da ênclise na história do Português, a colocação de clítico passou por significativas mudanças, na história do Português europeu, desde o século XVI até o século XIX, em relação aos contextos em que a ênclise é obrigatória. No artigo, as autoras mostram como a arquitetura da gramática, proposta na Morfologia Distribuída (MD) (EMBRICK; NOYER, 2001, 2006) pode lançar uma luz sobre essa mudança.

Nessa linha, também Namiuti, Galves e Sândalo (2012) demonstram, considerando a ordem relativa *clítico-verbo*, *verbo-clítico* e o fenômeno da *interpolação*, como as operações pós-sintáticas e a arquitetura da gramática do modelo da MD melhor descrevem o comportamento morfossintático dos clíticos nas três fases/períodos gramaticais.

Galves e Sândalo (2012) e também Namiuti, Galves e Sândalo (2012) analisam a ênclise como resultado das regras pós-sintáticas nas gramáticas diacrônicas do português e discutem que a mudança envolveu uma alteração no tipo de operação pós-sintática que desloca o clítico. Os ambientes em que a ênclise ocorre ao longo do tempo e outros aspectos gramaticais observados em alteração no tempo apontam para um caminho que vai da *inversão prosódica* para o *abaixamento* (operações pós-sintáticas previstas no modelo da MD) em uma posição mais baixa na estrutura da sentença, permitindo interpretar a mudança relacionada à ênclise no PE como um caso de gramaticalização.

É interessante ainda a reflexão que Galves e Sândalo (2012) trazem de Barbosa (1995, 1996, 2000), destacando que ela foi a primeira autora a propor que a colocação de clítico é um epifenômeno (isto é, causado por mecanismos não específicos, mas mais abrangentes do sistema linguístico) derivado da interação entre a Sintaxe e a Fonologia.

Barbosa argumenta que todas as construções enclíticas portuguesas são construções V1 e que a ênclise deriva da aplicação da Lei Tobler-Mussafia, que proíbe palavras átonas no início absoluto das frases. Especificamente, ela argumenta que os clíticos estão ligados à periferia esquerda da sentença, que ela identifica como IP, mas eles são proibidos de aparecer inicialmente em um sintagma entoacional.

Em um trabalho anterior (GALVES *et al.*, 2005), Galves discute que, entre os séculos XV e XVIII, na língua escrita em Portugal, a próclise e a ênclise são encontradas em sentenças com tópicos definidos, numa variação que está correlacionada a outros fatores, como, por exemplo o que ela chama de topicalização contrastiva. Essas considerações mostram que existem evidências de que no português clássico a ênclise é um fenômeno V1.

Assim como a *ênclise* e a *interpolação*, o fenômeno da subida de clítico é um fenômeno variável na diacronia do português, não sendo a subida obrigatória em nenhum contexto no PCL, mas bastante atestada.

Nessa seção, apresentaremos o estado da arte da descrição sobre a sintaxe dos clíticos no decurso do tempo da língua portuguesa.

2.1 Síntese sobre a ordem relativa do clítico em variedades antigas do português

Brito, Duarte e Matos (2003) apresentam uma visão geral sobre os pronomes clíticos do português europeu, considerando o seu espectro tipológico e seus padrões de colocação.

As autoras apresentam as propriedades gerais que caracterizam os pronomes clíticos. Afirmam que são pronomes que se destacam dentre os pronomes pessoais, podendo ser designados como pronomes átonos ou clíticos especiais.

Os pronomes pessoais se referem à pessoa gramatical dos interlocutores do ato de comunicação ou da entidade acerca da qual se fala. E os pronomes clíticos correspondem às formas átonas do pronome pessoal que estão associadas à posição dos complementos dos verbos.

O quadro que reproduzimos a seguir, quadro 1, mostra como estão distribuídos os clíticos reflexivos e não reflexivos e suas correspondentes formas gramatical e casual.

Quadro 1 – Distribuição dos clíticos não-reflexos e reflexos

Pessoas gramaticais	Clíticos não-reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo / Dativo
1ª singular	me	me	Me
2ª singular	te	te	te
3ª singular	o/a	lhe	Se
1ª plural	nos	nos	Nos
2ª plural	vos	vos	Vos
3ª plural	os/as	lhes	Se

Fonte: Brito, Duarte e Matos (2003, p. 827).

Brito, Duarte e Matos (2003) destacam que os pronomes não se limitam apenas a caracterizar a pessoa gramatical, eles podem apresentar uma função predicativa ou propriedades morfossintáticas, que são características de alguns sufixos derivacionais.

Elas apresentam algumas evidências para mostrar tanto a limitação da definição tradicional de o clítico ser relacionado a pronome pessoal quanto a sua potencial capacidade de designar as entidades envolvidas em um processo comunicativo. Em (i) e (ii), temos exemplos da definição tradicional. Já em (iii) e (iv), observa-se um comportamento diferente do clítico:

Ele viu-*me* ontem na praia. (i)

Eles cumprimentaram-*se* um ao outro cerimoniosamente. (ii)

Simpáticos para nós, eles sempre assim *o* foram. (iii)

Os cafés entornaram-*se* devido ao desequilíbrio do empregado. (iv)

(BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 827).

Conforme seguem as autoras, é possível observar, nas línguas românicas, diferentes tipos de clíticos, tendo alguns critérios (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 835): o seu potencial referencial ou predicativo; a possibilidade de receberem um papel temático; a sua referência específica ou arbitrária; a capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clítico e de extração simultânea de clítico; e a faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado.

Sobre os padrões de colocação dos pronomes clíticos, Brito, Duarte e Matos (2003) mencionam que:

Apesar da diversidade tipológica [...], os pronomes clíticos têm um comportamento uniforme quanto aos padrões de colocação. Assim, todos eles exigem um **hospedeiro verbal**, o que se traduz num requisito de adjacência entre o pronome clítico e uma forma verbal, finita ou não finita, contrariamente ao que acontecia no português antigo e mesmo no português clássico, onde os casos de interpolação eram frequentes (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 847, grifo das autoras).

Apresentando juízos de gramaticalidade do português europeu moderno, as autoras mostram a agramaticalidade existente, quando a adjacência entre o clítico e o verbo é quebrada, havendo uma interposição, entre a forma clítica e a forma verbal, de um constituinte negativo (exceto o operador sentencial de negação “não”), um advérbio, um sintagma preposicional, um pronome sujeito e um pronome forte objeto direto.

Sobre o posicionamento do pronome clítico em relação à adjacência esquerda ou direita a um hospedeiro verbal, respectivamente, próclise e ênclise, enfatizam que, na maior parte dos contextos, não há variação livre da posição pronominal, como, por exemplo, a atestada agramaticalidade, perante os falantes do português europeu moderno, quando se observa a desobediência à Lei de Tobler-Mussafia, que é a restrição ao preenchimento da posição inicial absoluta de frase pelas formas clíticas.

Ainda sobre a não variação livre da posição pronominal, Brito, Duarte e Matos, apresentam, brevemente, baseadas nos resultados da pesquisa de Martins (1994), o percurso histórico desse padrão de colocação pronominal, constatando o aumento do uso da ênclise em relação à próclise.

Conforme as autoras, um olhar para a produção bibliográfica da tradição gramatical luso-brasileira, entre o final do século XIX e o início do século XX, possibilita que se defenda que “a posição enclítica é o padrão básico, não marcado, e que a posição proclítica é induzida por fatores de natureza sintático-semântica ou prosódica” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 849-850).

Brito, Duarte e Matos mostram que, dentre os argumentos de natureza histórica, estão os argumentos de Martins (1994), que mostram uma predominância, no *corpus* em que ela pesquisou, do padrão proclítico no português do século XVI, à semelhança daquilo que estava acontecendo nas demais línguas românicas à época, e, a partir de meados do século XVII, uma inversão brusca nas percentagens de próclise e ênclise³, apresentadas no quadro 2, extraído de Martins (1994), e adaptado pelas autoras:

Quadro 2 – Próclise e Ênclise: sécs. XV-XIX

(continua)

Autor	Próclise (percentagem; número de ocorrências)	Ênclise (percentagem; número de ocorrências)
Afonso de Albuquerque (1462?-1515)	73,5% - 119	26,5% - 43

(conclusão)

Autor	Próclise (percentagem; número de ocorrências)	Ênclise (percentagem; número de ocorrências)
--------------	--	---

³ Trabalhos posteriores revelaram que a história da mudança do padrão proclítico do português clássico para o enclítico do português europeu moderno remonta ao século XVIII e uma história recontada, remetemos a Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005), Galves (2003), Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006) entre outros trabalhos que consideraram um volume maior de dados possibilitados pelo *Corpus* Histórico do Português - Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>).

Damião de Góis (1502-1574)	97,5% - 130	2,9% - 4
Fernão Mendes Pinto (1510?-1583)	98,1% - 102	1,9% - 2
Diogo do Couto (1542-1616)	72,5% - 74	27,5% - 28
Francisco Manuel de Mello (1608-1666)	92,3% - 36	7,7% - 3
António Vieira (1608-1967)	31,6% - 117	68,4% - 248
Luís António Verney (1713-1792)	27,3% - 18	72,7% - 48
Almeida Garret (1799-1854)	19,3% - 11	80,7% - 46
Oliveira Martins (1845-1894)	2,4% - 2	97,6% - 80

Fonte: Duarte, Brito e Matos (2003, p. 827).

Sobre o segundo argumento, os dados de aquisição, Brito, Duarte e Matos apresentam produções de 6 crianças, entre 20 meses e 39 meses, e mostram que elas exibem, de modo generalizado, o padrão enclítico. Segundo as autoras, tal padrão é descrito contrariamente para outras línguas românicas. Para contemplar a produção das gerações jovens, elas trazem um (01) dado de uma faixa etária de 12 anos, e três (03) de estudantes universitários, mostrando a tendência crescente, dessas gerações, a produzir ênclise, em contextos em que a variedade padrão exige clíticos proclíticos. Assim, as autoras concluem que: “a ênclise é o padrão básico de colocação dos pronomes clíticos na variedade europeia do português moderno” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 852).

A posição V-cl⁴ é considerada por muitos autores como decorrente de um movimento independente do verbo para uma posição mais alta, que é motivada ou impedida por razões sintáticas (ABAURRE; GALVES, 1996). No caso do Português Clássico a variação Vcl e clV⁵ corresponde segundo Galves, Namiuti e Paixão-de-Sousa (2006) a contextos estruturais distintos: as estruturas enclíticas com um constituinte X antecedendo a sequência Vcl teria este X fora dos domínios da oração, enquanto que, nas estruturas proclíticas, clV o X que antecede o verbo nos contextos de variação estaria dentro do domínio da oração, uma evidência para isto é que Verbos em terceira posição com ênclise são atestados apenas no século XVIII (PAIXÃO-DE-SOUSA, 2004).

Com relação ao português brasileiro (PB), assim como nas demais línguas românicas, no PB, o clítico pode aparecer antes ou depois do verbo. Entretanto, a posição privilegiada é a

⁴ Vcl: Estrutura enclítica. V = verbo; cl = clítico.

⁵ clV: Estrutura proclítica. V = verbo; cl = clítico.

próclise. Soares e Ribeiro (2011) observam que, em relação à situação atual da colocação pronominal no PB, há uma variação de um mesmo contexto estrutural:

[...] a próclise e a ênclise são variantes de um mesmo contexto estrutural (leia-se sintático). [...] A forma enclítica (minoritária) aparece em contextos de formalidade e de exigência de correção gramatical, o que nos leva a uma segunda observação: em português brasileiro, a utilização de ênclise é relacionada à pressão da norma culta e está em larga medida desaparecendo em todas as variedades faladas no país (SOARES; RIBEIRO, 2011, p. 9).

Galves e Lobo (2009) discutem que a ordem dos clíticos é um dos fenômenos de variação e mudança mais salientes na história do português:

A alternância próclise / ênclise é bastante complexa, porque dependente, nas línguas de um modo geral, dentre outros, dos seguintes contextos sintáticos: orações finitas vs. orações não-finitas; matrizes vs. subordinadas; primeira posição vs. segunda posição do verbo na frase; natureza referencial dos sintagmas que precedem o verbo (GALVES; LOBO, 2009, p. 174).

No mesmo contexto, as autoras consideram que um dos aspectos gramaticais que, atualmente, mais diferenciam o PB do PE é, justamente, a colocação pronominal.

2.2 A sintaxe dos clíticos no PCL

Em sua tese de doutoramento, Andrade (2010) defende que a subida de clíticos é um fenômeno regido pela estrutura informacional. Ele ainda aponta que, ao longo da história do português, ela sofre alterações que podem estar relacionadas com a mudança sintática que ocorreu no século XVIII. Conforme o autor, essa mudança foi identificada por Galves, Brito e Paixão-de-Sousa (2005) como a perda do parâmetro V2. Uma gramática de parâmetro V2, como afirma Andrade, é pontuada de tópicos e foco marcados, direcionada para a periferia esquerda da sentença.

Como se sabe, numa gramática V2 a periferia esquerda da sentença é frequentemente ativada por tópicos e focos marcados, o que propicia a interpretação do clítico como tópico no componente informacional da gramática. Para defender essa ideia, partimos do pressuposto de distinção entre formação e manifestação de predicados complexos. Em outras palavras, um predicado complexo pode existir e não ser visível a partir de efeitos de transparência como a subida de clíticos (ANDRADE, 2010, p. 3).

Andrade busca ainda implementar a hipótese de Galves, Ribeiro e Torres Morais (2005), que atribuem à sintaxe a categoria à qual o clítico se vincula, ou seja, sua posição, e à morfologia o seu ordenamento perante essa categoria, ou seja, sua colocação.

É pertinente a proposta do autor em conhecer a natureza da variação na posição de clítico e a natureza da variação na colocação, a partir de, respectivamente, duas hipóteses:

1ª hipótese (variação na posição): os fatores que codificam o nível de topicalidade de elementos da sentença e o grau de união dos verbos que compõem o predicado complexo são relevantes.

2ª hipótese (variação na colocação): se o clítico é promovido ao domínio superior, ele segue os mesmos princípios válidos em predicados simples, orientados pelos seguintes contextos: de próclise categórica (quando há um elemento com estatuto de operador afetivo que c-comanda o verbo); de ênclise categórica (quando o verbo ocupa a posição inicial da sentença, no PCI; e também quando um sujeito não vinculado a um proclisador está em posição pré-verbal, no PE); e de variação (no PCI; GALVES; BRITTO; PAIXÃO-DE-SOUSA, 2005).

Seguindo esquema elaborado por Andrade a posição do clítico alçado ao verbo flexionado segue o mesmo padrão de colocação ênclise/próclise dos predicados simples:

- Contextos de próclise obrigatória:

clítico-Vfinito Vinfinitivo

- Contextos de ênclise obrigatória:

Vfinito-clítico Vinfinitivo

- Contextos de variação:

a. clítico-Vfinito Vinfinitivo

b. Vfinito-clítico Vinfinitivo

Para o autor, “se o clítico não é alçado, são requisitos prosódicos que determinam a colocação” (ANDRADE, 2010, p. 3).

Andrade (2010) ainda apresenta que os resultados sobre a ocorrência na variação da subida podem ser vistos a partir de uma abordagem em que se conecta a subida de clíticos com a estrutura informacional:

Postula-se que a alteração no padrão de marcação do fenômeno é um reflexo da forma como a sintaxe organiza a informação. Portanto, a não marcação da subida até o século XVII é um reflexo do alto uso de tópicos marcados sintaticamente e de sujeitos nulos, utilizados como estratégia para efetivar a continuidade de tópicos discursivos. A mudança para um padrão não-marcado do fenômeno se manifesta primeiramente de forma gradual a partir do século XVI devido à instabilidade no uso de construções informacionalmente marcadas, expressas sintaticamente em termos do movimento para uma posição de proeminência no início da sentença (ANDRADE, 2010, p. 11).

O autor observa que o fenômeno da subida de clítico no Português Clássico (PCI) não é categórico e a variação subida/não-subida é explicada por traço associado à camada flexional do verbo cujo efeito semântico é de saliência no discurso com pressuposição do referente do clítico.

Andrade apresenta a conexão da subida de clíticos com a estrutura informacional e considera que a alteração no padrão de marcação do fenômeno, ainda atestado no PE atual, é um reflexo da forma como a sintaxe organiza a informação.

O autor explica ainda que a não marcação da subida até o século XVII é um reflexo do alto uso de tópicos marcados sintaticamente e de sujeitos nulos, utilizados como estratégia para efetivar a continuidade de tópicos discursivos.

Em relação a esse aspecto, Andrade e Namiuti (2016) postulam que os fenômenos da interpolação e da subida de clíticos na diacronia da língua portuguesa refletem princípios estruturais básicos, dependentes do papel dos elementos localizados na periferia esquerda da sentença, podendo o clítico figurar em posições muito altas na sentença. Conforme os autores, no PCI era possível a ocorrência do clítico tanto em Force como em Fin⁶, o que pressupõe sua relativa natureza face a elementos localizados na periferia esquerda da sentença, sendo o fenômeno da subida de clíticos o reflexo de uma série de critérios relacionados à topicalidade.

⁶ Force e Fin, respectivamente, Força ilocucionária e Finitude, são categorias funcionais pertencentes à categoria CP (sintagma complementizador) na estrutura cartográfica da Sentença (RIZZI, 1997).

2.3 Sobre a formação de predicado complexo

Uma noção relevante para as discussões relacionadas à subida de clíticos está relacionada à distinção entre formação e manifestação de predicado complexo. Esse assunto é apresentando por Andrade (2010), também em sua tese.

A primeira consideração importante é que, como mostra o autor, “a subida de clíticos” ocorre em contexto sintático específico, ou seja, uma estrutura de encaixamento ou subordinação entre as orações envolvidas (ANDRADE, 2010, p. 27).

Andrade (2010, p. 11) apresenta um panorama a respeito da formação de predicados complexos sintáticos, que são aqueles em que “mais de um núcleo relevante é realizado na sentença”. Além disso, os verbos que são formadores de predicado complexo devem, nos termos do autor: (i) apresentar correferência entre seus sujeitos; (ii) compartilhar o mesmo domínio temporal e (iii) demonstrar certo nível de coesão estrutural (ANDRADE, 2010, p. 40).

Segundo o autor, como a formação de predicado complexo nem sempre é visível, a gramática utiliza-se de recursos para tornar manifesta essa formação. É o que Andrade chama de “um efeito de transparência”, e essa é uma das maneiras com que ele apresenta a subida de clíticos, isto é, o alçamento é um “efeito de transparência”.

Andrade (2010) também menciona que outros fenômenos podem apontar para a existência de predicados complexos, como, por exemplo, as construções de “Reestruturação” e “União de Orações”. E que, também, uma língua pode apresentar um ou mais diagnósticos de predicados complexos. Esses, diagnósticos, segundo ele, mostram que ocorre movimento de constituintes.

2.4 O Português Clássico como uma língua V2

Galves, em um texto em que trata das propriedades de língua V2 do PCI (no prelo), apresenta a definição apresentada por Holmberg (2015, p. 242), segundo a qual, uma língua V2 é aquela em que o verbo finito é o segundo constituinte, obrigatoriamente, seja em orações principais, seja em orações dependentes.

Segundo Galves, assumir essa definição, implica em ter que excluir do conjunto de línguas V2 aquelas em que, além das sentenças em que o verbo está em segunda posição, também geram verbo em primeira (V1) e em terceira (V3). E é conjecturando essa possibilidade

que a autora discute a flexibilização de V2, e argumenta que há, na diacronia, um V2 ‘relaxado’ em Português⁷.

De acordo com a autora, trabalhos recentes, como o de Holmberg (2015) e o de Jouitteau (2010), trazem um novo olhar sobre V2, em duas direções. Por um lado, as línguas que são, estritamente, V2, e por outro, aquelas em que as diferenças entre V1 e V2 são minimizadas. De qualquer modo, essas tendências, seguindo Holmberg (2015), levantam o questionamento sobre se, de fato, a noção de língua V2 é uma noção bem definida, uma vez que ser “V2” é uma propriedade que pode envolver mais de um parâmetro.

A concepção do Português Clássico como sendo uma língua V2, fundamenta-se no fato de que, como apresenta Galves (no prelo), alguns trabalhos anteriores mostram que V2 é a ordem mais frequentemente encontrada no Português Clássico, em orações matrizes.

A autora apresenta dados de Cavalcante e Paixão-de-Sousa (2010), em que o total de sentenças V2 nos textos de autores nascidos nos séculos XVI e XVII corresponde a, respectivamente, 55 e 58%.

Para além disso, Cavalcante e Paixão-de-Sousa (2010) atestaram que as sentenças V2 predominantes no PCI são aquelas em que o constituinte que precede o verbo não é o sujeito, bem como a possibilidade de o sujeito ser nulo.

A questão crucial para Galves, no entanto consiste em que, em contexto VS, tem-se como probabilidade o seguinte: V1, com um sujeito após o verbo e nenhum constituinte o antecedendo; e V2, com um constituinte diferente do sujeito em posição pré-verbal. Isso implica, segundo a autora, que V1 em contexto de VS é evidência da natureza V2.

Essas conclusões foram embasadas a partir da comparação entre as frequências de V1 e V2 encontradas no corpus estudado pelas autoras e a natureza do constituinte pré-verbal nas sentenças V2. Para V1, a frequência foi de 68% contra 32% V2. Segundo Galves, essa alta frequência de V1 poderia ser (como de fato tem acontecido) tomada como um consistente argumento contra a hipótese de que o PCI não é uma língua V2. No entanto, conforme pontua a autora, quando se olha para os sujeitos expressos, é possível observar que V1 e V2 são paralelos em relação à posição do sujeito manifesto, considerando-se que, nos dois casos, a ordem frequente é VS. Assim sendo, VS se torna pista para uma propriedade que, de acordo com Galves, é crucial nas línguas V2: o movimento do verbo para uma posição mais alta na oração, geralmente V-para-C, de modo que as sentenças V1 são evidência de natureza V2 do PCI.

⁷ *Relaxed V-Second in Portuguese* (no prelo).

3 SINTAXE, ESTILO E OS SERMÕES

A alta proporção de ênclise nos *Sermões* de Vieira pode ser, portanto, explicada por razões discursivas: os *Sermões* são obras-primas do estilo barroco, que usa oposições entre termos como um recurso estilístico fundamental (GALVES, 2003)⁸.

De acordo com Galves (2003), até a segunda metade do século XIX, é possível observar uma grande variação entre próclise e ênclise nos textos. Enquanto que, entre muitos autores, já se atestou que o século XVI é eminentemente proclítico, o século XVII, segundo a autora, é de difícil interpretação pelo fato de haver uma grande variação entre os autores, como é o exemplo de Vieira. Como menciona Galves, a alta proporção de ênclise V2 que aparece nos *Sermões*, levou Martins (1994) a levantar a hipótese de que era precursor da gramática enclítica moderna.

Colocando em discussão a hipótese de Martins (1994), Galves (2003) apresenta dados que mostram que, diferentemente do que argumentava Martins, a colocação particular de clíticos nos *Sermões* do Padre Vieira não era indicativo de que Vieira fosse marco da mudança gramatical, sendo falante do Português Moderno. Como demonstra Galves, tanto os contemporâneos de Vieira quanto o próprio Vieira em suas *Cartas* são tão proclíticos quanto os autores do século XVI. Desse modo, a alta frequência de ênclise nos *Sermões* de Vieira, conforme propõe a autora, não deve ser interpretada como o surgimento de uma nova gramática, mas evidencia o uso especial da ênclise que é disponibilizado por uma gramática em que a próclise é o padrão categórico.

Nesse mesmo sentido, dentro dos estudos teóricos literários, Saraiva (1979) destaca que a escrita de Vieira, especialmente nos *Sermões*, está em consonância com um recurso estilístico essencial no período que ficou conhecido na literatura como Barroco. De modo que se pode depreender que as escolhas sintáticas de Vieira são feitas em função desse estilo. O raciocínio é permeado de uma agudeza, elaborado com sutileza, o que faz com que Saraiva considere que o Padre Vieira se utilize da língua de uma maneira especial, que saiba fazer uso, com bastante propriedade, desses recursos estilísticos e cultivar o que Saraiva chama de a arte dos “conceitos agudos”, o que tornou a escrita dos sermões algo muito particular nesse autor:

[...] como em quase todos os sermões, encontramos, em lugar de verdadeiros raciocínios, construções puramente verbalistas, dentro do método da argumentação aprendido nos colégios jesuíticos da época, herdeiros da escolástica medieval (SARAIVA, 1979, p. 98).

⁸ Tradução livre do inglês: “The high rate of enclisis in Vieira’s sermons can be therefore explained by discursive reasons: the sermons are masterpieces of the baroque style, which uses oppositions between terms as a fundamental stylistic resort”.

O que o autor aponta com relação aos sermões de Vieira, em nível de estilo textual, é o que se convencionou chamar na história da Literatura, especificamente no período conhecido como época barroca, de ‘conceptismo’, que se refere a certa compreensão de que a escrita é um exercício de engenho, ou seja, uma busca por construções de “agudeza”, constituída por paradoxos, analogias, contrastes inesperados. Propriedades que levam ao que, no início do século XX, no campo da arte, da psicologia e da linguagem (CHKLOVSKI, 1917; FREUD, 1919; MUSKAROVSKY, 1967), conceitualmente foi entendido como Estranhamento. Isso significa dizer, que o que se esperava de um texto literário é que fosse uma construção voltada para provocar um efeito de sentido inusitado com as palavras; e isso demanda a escolha por uma determinada configuração sintática, ou seja, é uma sintaxe elaborada em função de um estilo.

O que se pode depreender sobre a escrita de Vieira, a partir do que afirma Saraiva, é que o que Vieira fala pode até não ser verdade, mas é um raciocínio bem construído. E toda a elaboração verbalística que ele faz, faz bem feita, objetivando a persuasão. Assim, parece significar: pode não ser verdade, mas é convincente.

O estilo barroco caracteriza-se, portanto, pelo inesperado, a surpresa, a sedução, pelo estranhamento em ornamento, o que explica e justifica o uso frequente de estruturas discursivas com oposições/contrastes e uma sintaxe em função de um estilo que favorece determinadas configurações sintáticas menos frequentes, distanciando o texto dos padrões de ordem comum da língua da época, provocando o estranhamento, a ponto de Vieira ser considerado por Martins (1994) um precursor de uma nova gramática por apresentar nos Sermões uma colocação de clíticos diferente da atestada em outros textos de seus contemporâneos.

Tomando como base Galves (2003) e considerando as observações sobre a obra e o estilo dos Sermões, partimos do pressuposto de que o estilo do texto interfere na Sintaxe nos seguintes termos: o estilo discursivo empregado por Vieira em seus *Sermões* favorece construções contrastivas e tópicos salientes no discurso, que por sua vez podem explicar a relação da posição alta do clítico para um núcleo do qual não recebe o papel temático e colocação enclítica em certos contextos sintáticos. É um estilo que favorece uma prosa que favorece uma determinada estrutura sintática, que por sua vez favorece a ênclise em orações raízes V2.

Conforme apresentado anteriormente, Galves (2003) interpreta a colocação de clítico do Padre António Vieira, em seus *Sermões*, como um efeito de um estilo do autor e observa que a alta frequência de ênclise, contrariando o padrão proclítico da época, e atestado nas Cartas do

mesmo autor, é justificada pela alta frequência de tópicos contrastivos, característica marcante da oratória barroca. Por isso, a autora não interpreta a ênclise nos *Sermões* como pista gramatical do surgimento de uma nova gramática, mas como possibilidade da gramática da época gerada por um estilo.

However, it is well-known that up to the second half of the nineteenth century, proclisis alternated with enclisis in the V2 contexts in which EP now requires the latter. In this paper, I shall raise the question of the emergence of the categorical V2 enclisis in the history of the language. I shall challenge the claim defended by Martins (1994) that Vieira's Sermons bring evidence that the enclitic grammar emerges during the 17th century. I shall propose that the high rate of V2 enclisis in Vieira is not the reflex of a grammatical change but is due to stylistic considerations linked to the baroque style (GALVES, 2003, p. 2-3)⁹.

No caso dos Sermões do Padre António Vieira, o uso especial de ênclise, é, segundo Galves, viabilizado por uma gramática em que a próclise é o padrão não marcado e a ênclise um fenômeno associado a restrições da interface sintaxe/prosódia, condição favorecida pelo estilo do autor na obra citada.

3.1 Clítico: uma categoria dependente de interfaces

Na história do português, o estudo da sintaxe em torno da colocação dos clíticos, abre-nos a perspectiva em relação às configurações sintáticas que a língua pode assumir ao longo do tempo. Por conta disso, conforme afirmam Galves, Namiuti e Paixão-de-Sousa (2006, p. 52): “no caso da língua portuguesa, a ordem relativa entre os verbos e os pronomes átonos (ou clíticos) tem sido um *locus* privilegiado de investigações gramaticais”.

Entre outros aspectos, por exemplo, as autoras apontam para o fato de que, para os estudos gerativistas, a possibilidade de o clítico aparecer não contíguo ao verbo, manifesta a independência que essa partícula tem em relação ao núcleo funcional do verbo. Tal constatação, por sua vez, se torna importante para a interpretação da estrutura abstrata da sentença.

⁹ Em tradução livre: “No entanto, é bastante conhecido que, até a segunda metade do século XIX, a próclise alternava com a ênclise nos contextos V2, em que o PE agora requer a segunda. Neste artigo, levantarei a questão do surgimento da ênclise V2 categórica na história da língua. Vou contestar a afirmação defendida por Martins (1994) de que os Sermões de Vieira trazem evidências de que a gramática enclítica surge durante o século XVII. Proponho que a alta proporção de ênclise V2 em Vieira não seja reflexo de uma mudança gramatical, mas é devida a considerações estilísticas relacionadas ao estilo barroco”.

Galves (2003), ao fazer um estudo dos *Sermões* do Padre António Vieira, interpreta a colocação de clítico nesse autor como um efeito de um estilo que favorece construções com tópicos contrastivos, afetando assim a colocação dos pronomes átonos, que possuem uma sintaxe sensível a essas construções. Como no exemplo:

As outras profecias cumprem-se a seu tempo, esta do dia do Juízo tem o seu cumprimento antes de tempo; porque aquillo mesmo que se faz agora, é o que se diz que ha-de ser então. (1)

É nesse sentido que, através deste estudo em que se investiga a subida de clítico numa relação entre sintaxe e estilo, assumimos o posicionamento da autora. O estilo do Padre Vieira pode favorecer estruturas e conteúdos informacionais que, por sua vez, favorecem certas construções sintáticas como a ênclise, como a exemplificada em (1), e em alguns contextos e a subida de clítico em outros, como a exemplificada em (2):

*Comparada, porém, qualquer revelação não canonica, com as boas obras, eu antes quizera a certeza das obras, que a da revelação; porque a revelação não **me** póde salvar sem boas obras; e as boas obras **pódem-me** salvar sem revelação.* (2)

Tais fenômenos, no Português Clássico, são marcados sintaticamente, uma vez que estão relacionados a conteúdos que carregam saliência discursiva, ou seja, o conteúdo não é neutro, mas com traço de especificidade, contraste e topicalidade fortes.

Banza (2017), em um artigo intitulado “Próclise e ênclise em Padre António Vieira”, aborda a posição dos clíticos em português, em orações principais afirmativas com ausência de proclisadores.

A partir de estudos desde o século XIX, a autora aponta que, no português europeu, há uma alternância entre próclise e ênclise com predomínio da ênclise, indicando uma mudança não linear na língua, motivada por diversos fatores, internos ou externos à língua, com possibilidade de avanço ou recuo, de modo que, como enfatiza a autora, o Português Moderno recupera a tendência do Português Antigo:

Português Antigo: próclise → ênclise
 Português Médio e clássico: ênclise → próclise
 Português Moderno: próclise → ênclise
 (BANZA, 2017, p. 120).

De acordo com Banza (2017), a mudança que se observa na língua, no final do período clássico (séc. XVII), é precedida pela variação entre próclise _ com predomínio no português clássico _ e ênclise, que teve predomínio no português europeu moderno.

Ela se refere ao fato de que a variação ocorre com gramáticas concorrentes e que a competência linguística do falante, pode comportar mais de uma gramática: uma inovadora e uma conservadora, que foi o que aconteceu no final do séc. XVII, entre o português clássico e o português moderno. E acrescenta que, quando isso acontece, uma das formas em competição, geralmente, a inovadora, acaba se sobrepondo à outra, de modo que, a preferência por uma determinada forma pode ser evidente em termos de estatística ou, como afirma a autora, por preferências estilísticas.

O estilo barroco, por apresentar-se no texto escrito como um exercício de engenho na busca por construções de “agudeza”, constituída por paradoxos, analogias e contrastes inesperados, produzindo um efeito de estranhamento e sedução, privilegia estruturas discursivas com oposições/contrastes. Tais estruturas discursivas favorecem uma configuração prosódica que em orações V2 (XP-verbo) coloca o verbo em primeira posição no interior de um sintagma entoacional que leva a uma segunda interface – a interface com a fonologia (prosódia), ou seja, a interface que gera e justifica as ênclíticas do PCI e não a do PE moderno.

Uma característica marcante na história do português, conforme atestam alguns autores, como Paixão-de-Sousa (2004), é a possibilidade de os clíticos aparecerem não-contíguos ao verbo. A possibilidade de uma ordem cl-X-V, entretanto, é um fenômeno não verificado nas variantes modernas do português. Essa perda da interpolação é um fator importante para se compreender a mudança, conforme apontam os estudos diacrônicos gerativistas. A compreensão da mudança implica, por sua vez, numa reflexão voltada para a periodização do português.

Ainda sobre a configuração dos pronomes clíticos, a autora aponta que a alternância ênclise *versus* próclise coloca em questão o fator fundamental na análise da posição pós-verbal dos pronomes átonos em português, que é a restrição quanto a ocorrência, no início da frase, do pronome clítico, a conhecida lei de Tobler-Mussafia¹⁰.

¹⁰ A lei de Tobler-Mussafia leva o nome dos dois gramáticos históricos, Adolf Tobler e Adolfo Mussafia, que descreveram, pela primeira vez, a impossibilidade de, nas línguas românicas antigas, o clítico não poder ocorrer em posição inicial na sentença e, em consequência disso, a ênclise não ocorrer antes de um elemento tônico, e a partícula átona unir-se encliticamente ao verbo ao qual se refere.

Essa consideração tem como consequência a constatação de que a ênclise, no português clássico, pode ser fruto da lei Tobler-Mussafia, e diferente da ênclise do Português Europeu Moderno (GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO-DE-SOUSA, 2006).

Se isso procede, a colocação do pronome nos *Sermões* de Vieira reflete uma possibilidade da gramática (no sentido gerativista do termo, ou seja, da gramática internalizada), que não é neutra, que é marcada, mas produtiva no texto por conta do estilo.

3.2 Sermões: língua e estilo de Vieira

O poeta português Fernando Pessoa, em um poema no livro *Mensagem*, único livro do poeta publicado em vida, reporta-se ao Padre António Vieira como “imperador da língua portuguesa”. Com este que se tornou um epíteto de Vieira, Pessoa fala da grandeza desse pregador e faz referência a um aspecto muito peculiar do Padre António Vieira: o domínio da língua portuguesa.

[...]
 O céu 'strela o azul e tem grandeza.
 Este, que teve a fama e à glória tem,
 Imperador da língua portuguesa,
 Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,
 Constelado de forma e de visão,
 Surge, prenúncio claro do luar,
 El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
 É um dia, e, no céu amplo de desejo,
 A madrugada irreal do Quinto Império
 Doira as margens do Tejo.

[...]
 (PESSOA, 1934).

Através de *Mensagem*, com seus 44 poemas, Pessoa fala, por vezes nostálgico, de um Portugal que viveu um passado de glórias, com suas conquistas marítimas, seus heróis e numerosos poetas.

O poema no qual aparece a figura de Vieira está na parte dos “avisos”, dedicada àqueles que teriam sido os grandes profetas da nação portuguesa. O primeiro é Bandarra, um sapateiro e adivinho que teria feito muitas profecias, mormente sobre a restauração do trono português. O segundo é, justamente, António Vieira, com destaque para as suas profecias voltadas para o

Quinto Império. E o terceiro não tem nome. Para alguns, é, possivelmente, o próprio Fernando Pessoa.

Reconhecer Vieira como “imperador da língua portuguesa” é, antes de tudo, reconhecer no orador um especial domínio linguístico, a propriedade da língua, um primado e excelência no seu uso.

De fato, um simples e superficial olhar para a obra de Vieira nos faz constatar essa característica do pregador. Vieira é um profissional da escrita, escreve com técnica, segurança no que faz, habilidade; tem uma performance notável no arranjo e rearranjo das palavras. Como já mencionou Pécora (2016), Vieira é um *rockeur* da palavra. Talvez seja inevitável a abstração, quando não se tem uma maneira não figurativa de expressar a sua efetiva capacidade de “balançar” a língua.

Como exemplifica a afirmação de Saraiva, em linhas gerais, o Padre Vieira cultiva a arte dos “conceitos agudos”, o que tornou a escrita dos sermões algo muito particular nesse autor.

[...] como em quase todos os sermões, encontramos, em lugar de verdadeiros raciocínios, construções puramente verbalistas, dentro do método da argumentação aprendido nos colégios jesuíticos da época, herdeiros da escolástica medieval (SARAIVA, 1979, p. 98).

O que o autor aponta com relação aos sermões de Vieira, em nível de estilo textual, é o que se convencionou chamar na história da Literatura, especificamente no período conhecido como época barroca, de ‘conceptismo’, que se refere a certa compreensão de que a escrita é um exercício de engenho, ou seja, uma busca por construções de “agudeza”, constituída por paradoxos, analogias, contrastes inesperados. Isso significa dizer que, o que se espera de um texto literário “barroco” é que fosse uma construção voltada para provocar um efeito de sentido inusitado com as palavras; e isso demanda a escolha por uma determinada configuração sintática.

Não é difícil perceber isso quando se entra em contato com sua obra. Também não se trata de algo pontual e específico. É uma característica que perpassa o conjunto da obra. Num simples exercício de escolher a dedo um trecho qualquer de um sermão, por exemplo, mesmo a extração descontextualizada de uma frase qualquer, é possível se encontrar pensamentos concatenados, entranhados de uma sutileza que causa impacto.

Evidentemente, é importante considerar que a leitura dos ‘Sermões’ de Vieira não é, precisamente, uma leitura fácil, prontamente inteligível, a qual se poderia fazer de modo

superficial. Pelo contrário, as construções linguísticas são, por vezes, elaboradas com tamanha engenhosidade e acabamento primoroso, fazendo com que se possa reconstruir mentalmente o jogo linguístico que ele faz e a forma como ele constrói e concatena as ideias. Ele prende ao seu raciocínio, “seduz” com uma “prosódia” extremamente sofisticada. A essa característica, os estudos literários chamam de “agudeza”. É possível entendê-la como uma habilidade de se expressar com inteligência, sutileza, sagacidade e perspicácia. O seu raciocínio complexo, sempre causa um impacto, faz refletir, se apresenta com fineza e se revela através de afirmações “certeiras” e penetrantes.

Um exemplo poderia ser o “Sermão da Sexagésima”, que foi pregado na Capela Real de Lisboa, em 1655, e é um dos mais conhecidos sermões. Nele, Vieira reflete, a partir da parábola do sementeiro¹¹, proposta para o domingo da Sexagésima, sobre a pessoa do pregador, uma vez que associa, metaforicamente, o sementeiro de que trata o evangelho ao pregador. Ao falar desse ofício, ele organiza o sermão partindo de algumas premissas. Antes, entretanto, ele constrói um raciocínio em torno de três elementos, que refletem o que seria o fruto do trabalho do sementeiro: a semente germinada. Para ele, a semente que se fecundou seria a palavra de Deus (recebida como doutrina, através do sermão), acolhida pelos fiéis. Portanto, para a conversão da alma feita a partir do sermão, haveria a concorrência de três fatores: o pregador, com a doutrina; o ouvinte, com o entendimento; e Deus, iluminando com a sua graça. O segundo passo do raciocínio é mostrar como a conversão da alma significa, antes de tudo, um olhar do homem para si mesmo. E para que o homem possa fazer esse exercício de voltar-se para dentro de si, seriam necessários mais três elementos: olhos, espelho e luz. E elabora, com sutileza, o pensamento: “Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos” (VIEIRA, 1965, p. 1).

A edificação do raciocínio, no entanto, segue com a sobreposição de outros elementos relacionados aos três principais, a saber: que quem concorre com o espelho é o pregador (o espelho é a doutrina); quem concorre com a luz é Deus (a luz é a graça); e quem concorre com os olhos é o homem (os olhos são o conhecimento). E prossegue com o questionamento: se não há uma conversão da alma, de quem se deve entender que seja a falta: do pregador, de Deus ou do homem? Apresentando os argumentos contra a possibilidade de a falta ser da parte de Deus ou dos ouvintes, afirma que a falta é do pregador; e, aprimorando o raciocínio, apresenta cinco

¹¹ A BÍBLIA de Jerusalém. Evangelho de Lucas, capítulo 8, versículos de 4 a 15. São Paulo: Editora Paulus, 2000.

circunstâncias que podem ser consideradas num pregador: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo e a voz. E, em seguida, apresenta um novo raciocínio, brilhantemente articulado e concatenado sobre cada uma dessas circunstâncias:

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamo-las examinando uma por uma e buscando esta causa (VIEIRA, 1965, p. 4).

Enfim, é extremamente importante enfatizar que, no sermão, há uma estrutura voltada para seduzir o ouvinte. Toda a sintaxe empregada, não é empregada “ao acaso”, de forma neutra. Todas as construções são marcadas prosodicamente, discursivamente. Apesar de os sermões serem dirigidos a um público, não constituem a fala “natural” de um pregador. Além disso, eles têm um lugar, um contexto, seguem um calendário litúrgico. Vieira não falava “o que bem queria, na hora em que bem queria”. O sermão sempre está ligado à leitura bíblica proposta pela igreja para aquele determinado dia. É o caso, como acontece com todos os outros, desse Sermão da Sexagésima, por exemplo. O domingo da Sexagésima, na tradição da igreja católica, compunha o tempo litúrgico da Septuagésima, que após o Concílio Vaticano II, concluído em 1965, foi abolido do, assim chamado, rito romano da igreja, e que permanece apenas na forma extraordinária do rito romano. Esse tempo é subsequente ao tempo litúrgico do Natal e precede o tempo da Quaresma. Começa com o domingo da Septuagésima, seguido pelo da Sexagésima e o da Quinquagésima. A Quadragésima é a Quaresma, o tempo de quarenta dias que antecede o tempo da Páscoa, a festa mais importante para a igreja católica. Uma das leituras possíveis dentro do ciclo do ano litúrgico para o domingo da Sexagésima é a leitura bíblica da parábola do semeador.

Assim sendo, antes de ser orador, Padre António Vieira é um sacerdote da igreja católica, membro de uma congregação religiosa, que é a Companhia de Jesus¹². A Companhia de Jesus, de acordo com Pécora (2016), além de ter um trabalho voltado para a missão e a questão educacional, tem como um dos baluartes a questão política. Isso implica em dizer que um jesuíta (como é chamado um membro da Companhia), como o padre Vieira, não pode conceber a Teologia fora da Política. Desse modo, o seu discurso não é neutro, tem um viés

¹² A Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola. A Congregação foi reconhecida em 1540, por bula papal.

religioso-teológico e ideológico-político, além de, evidentemente, ser feito em função de se adequar ao calendário litúrgico e o sermão ter o peso de ser a mensagem que visa à correção moral, ao ato de contrição e à conversão da alma. Não é possível separar, portanto, o homem da língua, pontuando aqui, sem intenção de aprofundar, as relações de construção de sentido preconizadas por Michel Breal (1897) nos primórdios da Semântica enquanto área da ciência Linguística.

De acordo com o Dicionário Houaiss¹³, sermão vem do lat. *sermo*, *ónis* 'modo de expressão, linguagem, linguagem familiar, palavras trocadas entre diversas pessoas, conversa, conversação literária, diálogo, discussão'. Ainda conforme a definição de Houaiss, o sermão é uma fala, um discurso religioso pronunciado no púlpito, moralizador, com o objetivo de convencer alguém de algo.

Portanto, não se trata de um discurso feito a partir de uma cátedra, doutoral, aberto a questionamentos. É um discurso voltado para a conversão, de provocar no fiel uma atitude de contrição a Deus. Vieira é um retórico e se utiliza de técnicas retóricas para a conversão. Isso implica em dizer que, antes de tudo, Vieira não pregava de maneira improvisada. Havia um preparo, um ensaio, uma memorização do que seria dito, e um treino sobre o “jeito” de dizer, pois, embora se tratasse de um texto decorado, o talento estava, justamente, em proferi-lo de maneira a não parecer que tinha sido decorado.

Nas palavras de Hansen (1978, p. 173), o pensamento de Vieira é, em sua essência, metafórico. Isso, como apresenta o autor, dentro daquele contexto que é o século XVII, em que se conhece o “discurso engenhoso”.

Segundo Hansen, esse “discurso engenhoso” é envolvido por uma racionalidade figural, que significa, antes de tudo, considerar que, aquilo que é dito, expressão dos desejos e crenças de quem o diz, se não convence pelo raciocínio, excita a imaginação e condiciona o espírito de quem lê e ouve, “graças às surpresas e relações, algo incontrolláveis, verdadeiras e falsas, que as palavras estabelecem entre conceitos diversos” (HANSEN, 1978, p. 175).

Um outro importante aspecto que precisa ser ressaltado quanto à pessoa de Vieira é que, conforme destaca Pécora (2016), ele teve importância não apenas na literatura, mas na história de Portugal. Vieira viveu muito; de 1608 a 1697, ou seja: praticamente todo o século 17. Esteve, direta ou indiretamente, envolvido em todas as questões relevantes da história portuguesa do século 17; presenciou as crises, sobretudo a econômica, no período da Restauração, resultado, em grande parte, da guerra na península ibérica; e a própria crise política.

¹³ Dicionário eletrônico Houaiss¹³ da língua portuguesa 3.0

Como exemplos de fatos históricos ocorridos em Portugal e no Brasil, pode-se dizer que Vieira acompanhou: no Brasil colônia, a primeira invasão holandesa (1624); a segunda invasão holandesa em Pernambuco (1630 a 1654); em Portugal, a restituição da autonomia com a Casa de Bragança e a fundação da Dinastia de Bragança (1640); ainda na Economia, o estabelecimento da Companhia Geral do Comércio do Brasil (1649) e Estabelecimento da Companhia de Comércio do Estado do Maranhão (1682) e o fim do Quilombo dos Palmares (1694).

Ainda destacando a importância de Vieira, Pécora (2016) afirma que se tratava de um homem extremamente versátil que, em seus sermões falava “de tudo”, que possuía uma vasta cultura bíblica, uma capacidade muito grande de memorização e perpassava uma gama enorme de assuntos da cultura geral. E lembra que, segundo narrado por um de seus maiores biógrafos, João Lúcio de Azevedo, Vieira, nascido em Lisboa, em 06 de fevereiro de 1608, veio para o Brasil com a família ainda pequeno, com seis anos de idade, e foi matriculado no Colégio dos Jesuítas da Bahia, porém teria sido um aluno de desempenho intelectual muito baixo, e que, aos catorze anos, após um “estalo”, passou a conhecer todas as coisas. Vieira voltou a Portugal, depois de 9 anos no Maranhão, dedicando-se ao ideal político do “Quinto Império”. Voltou ao Brasil, onde passou os últimos anos de sua vida, vindo a falecer na cidade de Salvador, aos 89 anos, em 18 de julho de 1697.

Voltando a premissa de Bréal (1897) de que não é possível separar o homem da língua e considerando que os enunciados estão em textos, o discurso engenhoso de Vieira em seus sermões, descrito por tantos autores, alguns resenhados aqui (PESSOA, 1934; SARAIVA, 1978; HASEN, 1978; PECORA, 2016), caracterizado por paradoxos, analogias, contrastes inesperados, leva a propriedade do estranhamento (CHKLOVSKI, 1917; FREUD, 1919; MUKAROVSK, 1967), própria do estilo da época e do autor, para além dos limites do discurso, chegando à língua, a ponto de parecer, seu texto, pertencer a outra época, a outra gramática. Martins (1994), como já mencionado, ao olhar para a sintaxe dos pronomes clíticos nos sermões de Vieira, conclui que ali estaria preconizado o PE moderno, enquanto um olhar mais microscópico, considerando um volume maior de autores contemporâneos a Vieira, revela que apesar de parecer PE por conta do padrão ênclítico, os Sermões de Vieira é gerado pela Gramática do PCL, sendo os padrões inesperados, justificados pelo discurso que o estilo imprime e a gramática regula¹⁴, esta interpretação é compatível ao que propõe Galves (2003).

¹⁴ Agradecemos ao professor Jorge Viana pelos apontamentos na banca de defesa da dissertação que nos levaram a pensar na relação da Sintaxe e do Estilo nos Sermões de Vieira, extrapolando o sentido do discurso e do texto para chegar em uma primeira formulação de uma relação que nos pareceu importante

A relação Sintaxe e História, entendendo história por fatores externos à gramática em oposição ao seu tempo cronológico, revelou-se um ponto central para a compreensão da mudança gramatical, que por necessidade teórica se dá na relação entre princípios universais da mente/cérebro e os dados produzidos no ambiente linguístico na fase de aquisição da linguagem. Por isso, entender as estruturas sintáticas produzidas nos textos em seu contexto histórico/discursivo modelando-as pela teoria de mudança de Kroch (1989), no âmbito da Gramática Gerativa, pode nos levar a compreender melhor a mudança linguística e sua relação com a aquisição da linguagem. Sobre a relação Sintaxe e História e Gramática Gerativa apresentaremos a seguir (em 3.3) as reflexões trazidas por Paixão-de-Sousa (2004).

3.3 A sintaxe dos clíticos nos seiscentos: contribuições para o estudo da mudança linguística

Paixão-de-Sousa (2004) traz, no segundo capítulo de sua tese de doutoramento, intitulado Sintaxe e História, algumas discussões e luzes para se entender a mudança gramatical, a partir da evolução dos padrões sintáticos registrados nos textos, dentro de uma perspectiva da história, considerando, como pontua a autora, a interrelação existente entre as propriedades gramaticais abstratas e os fatores históricos, atestado no fato de que a dimensão histórica da escrita portuguesa é importante para ajudar a interpretar os padrões sintáticos, “na medida em que permite uma mediação na nossa interpretação da evolução dos padrões enquanto manifestações de mudanças linguísticas” (PAIXÃO-DE-SOUSA, 2004, p. 179). A autora enfatiza que, o fato de o objeto teórico da sintaxe gerativa se localizar na língua não dispensa a pesquisa da contextualização histórica do seu material de investigação.

O capítulo está dividido em três seções. Na primeira, ela aborda a questão da representatividade da escrita culta. Na segunda, traz alguns apontamentos sobre o período histórico. E a terceira seção é dedicada a uma revisita dos padrões sintáticos, trazendo a problemática da mudança gramatical.

Ao trazer a perspectiva da escrita seiscentista, Paixão-de-Sousa começa por abordar a representatividade da escrita culta, e toma dois exemplos de cartas escritas em meados do século XVII. A primeira delas, de 1649, é de Francisco Manuel de Melo, e constitui o corpus principal do estudo. Faz parte do conjunto das correspondências escritas no cárcere, publicado em 1644,

para enxergar pistas de gramática: A forma, o sentido e a arte na produção de efeitos circunscritos por uma estrutura formal (uma gramática mental) e expressos nas materialidades da língua.

no volume “Cartas familiares”. A segunda, de 1654, é de Ilena da Costa; foi selecionada por Rita Marquilhas, e constitui o corpus complementar do estudo.

Paixão-de-Sousa justifica a representatividade de Dom Francisco e de Ilena da Costa, residida no fato de eles serem membros de grupos distintos da sociedade portuguesa seiscentista. Ele, um “fidalgo cortesão, poeta da pequena elite letrada”; e, ela, uma “popular anônima de *poucas letras*”¹⁵ (PAIXÃO-DE-SOUSA, 2004, p. 183).

Justifica ainda que um grande desafio para a pesquisa linguística, baseada em textos históricos, é que não é possível “compor um universo de pesquisa ideal para o estudo da língua”. Esse universo de pesquisa ideal poderia se dar a partir do que ela chama de “equilíbrio representativo da situação sociolinguística pertinente” (PAIXÃO-DE-SOUSA, 2004, p. 183). Seria a possibilidade de priorizar textos como as cartas de Ilena, mais que as de D. Francisco. No entanto, o pesquisador fica limitado às fontes que foram conservadas pelo tempo:

A limitação em relação ao que é deixado pelo tempo coloca em jogo, antes de tudo, a representatividade dos textos pesquisados em relação à oralidade. Em primeiro lugar, por não termos nunca um retrato completo da situação geral da língua em cada época; em segundo lugar, porque o que temos é, em geral, a parcela mais culta da escrita (PAIXÃO-DE-SOUSA, 2004, p. 184).

Para a sua pesquisa, Paixão-de-Sousa tomou o corpus principal, o de Dom Francisco, como representativo da relação entre a fala e a escrita dos falantes letrados do Português médio. Trazendo um pouco do contexto histórico do século XVII, a autora ressalta que os falantes letrados dessa época se restringem a um pequeno grupo, que ela, utilizando as palavras de Rita Marquilhas, chama de “pequeno grupo privilegiado que herda e cultiva a escrita”. Para Marquilhas, o contexto histórico do Portugal seiscentista é de uma população, em grande parte, de tradição oral, devido a fatores históricos e culturais.

Paixão-de-Sousa traz para a reflexão o fato de que as considerações de Marquilhas imprimem um caráter de importância ao problema da representatividade nos textos literários de 1600, uma vez que a língua escrita do século XVII, segundo ela, é bastante limitada. Poucos são os indivíduos alfabetizados, como pouca é a circulação de material de leitura. Historicamente, Portugal passava pelo período da contrarreforma, contexto em que a própria produção e recepção dos textos é reprimida, e a prática de leitura, em nível institucional, é cerceada.

Com isso, a autora acredita que

¹⁵ Grifos da autora.

Se os padrões linguísticos documentados nesses textos forem singulares em relação a propriedades da realidade da linguagem oral, as hipóteses que podemos construir com base nesses padrões terão pouca relevância para a compreensão das fases de mudança gramatical. Pois, evidentemente, é a língua falada o locus da mudança gramatical conceituada como fenômeno de aquisição de linguagem (PAIXÃO-DE-SOUSA, 2004, p. 185).

Ainda assim, Paixão-de-Sousa discute a questão da representatividade da escrita letrada. Para ela, é “uma amostra pequena, mas ainda assim, representativa” (PAIXÃO-DE-SOUSA, 2004, p. 185). Aponta, também, alguns fatores relacionados, por exemplo, à problemática de “idealização da linguagem”, o que seria, de acordo com ela, uma dificuldade apenas em nível metodológico, uma vez que não se pode considerar a escrita seiscentista como aquela que reflete a fala natural, espontânea, sobretudo quando se está diante de material de escrita literária, que possui uma estruturação própria.

Assim, dentro do escopo da historiografia, a autora se propõe a fazer a contextualização da escrita do 1600, considerando que aí reside um outro problema metodológico, que se resume no fato de que o “objeto da escrita literária não é a ‘escrita culta’”, mas que, para se compreender a dimensão histórica dos textos, é necessária a amálgama de olhares, o que permite compreender que na relação literatura e língua, o problema não é a tentativa de situar os textos historicamente, a partir da história da literatura, mas o fato de utilizar esses textos como “amostras de língua”.¹⁶

No caso do presente trabalho, compreender os seiscentos, a natureza dos textos e sua possível representabilidade gramatical é essencial, uma vez que recortamos para um estudo que levanta questões sobre gramática uma única obra, de natureza literária e escrita por uma só pessoa. O recorte do corpus nesse trabalho se justifica dado às questões e resultados de trabalhos anteriores que problematizaram a sintaxe dos clíticos nos sermões do Padre Vieira em face a sintaxe do PCI. Na seção que se segue trataremos do corpus e da metodologia utilizados.

¹⁶ Grifo da autora.

4 CORPUS E METODOLOGIA

Dá conta dos cuidados, pensamentos e máquinas do teu entendimento; das lembranças e esquecimentos da tua memória; dos desejos e afeições da tua vontade. Dá conta de todos os passos de teus pés, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos, de todas as atenções dos teus ouvidos, de todas as palavras de tua língua, e de tudo o mais que tu sabes e não cabe em palavras (VIEIRA, 1993).

Escolhemos como *corpus*, para a pesquisa de mestrado, os *Sermões* de Vieira, dada a problemática existente em torno dessa obra do Padre António Vieira, seria este texto representativo do PE, como supõe Martins (1994), ou seria o texto representativo do PCI com alterações justificadas, não por uma nova gramática (a do PE), mas por um estilo que favorece determinadas construções e que, portanto, influencia diretamente nas frequências?

Buscando atender à problemática em torno do texto, olhamos para um fenômeno variável no PCI: o alçamento do clítico em predicados complexos e definimos a metodologia de busca e classificação de dados que serão apresentadas nessa seção.

4.1 O corpus Tycho Brahe e os Sermões do Padre António Vieira

A edição dos *Sermões* do Padre António Vieira que utilizamos no desenvolvimento da pesquisa é a versão trabalhada, compilada e sintaticamente anotada, no Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe (CTB), disponível eletronicamente em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>.

Para isso, lançamos mão da tecnologia desenvolvida pelo grupo de pesquisa do Prof. Antony Kroch, da Universidade da Pensilvânia, a ferramenta de busca automática para corpora anotados sintaticamente *Corpus Search*, uma vez que se busca por categorias sintáticas. A ferramenta está disponível eletronicamente em: <http://corpussearch.sourceforge.net/>.

O CTB é um corpus anotado sintaticamente de textos escritos em português por autores nascidos entre 1380 e 1881, atualmente com 76 textos (3.302.666 palavras), disponíveis para a busca, com anotação linguística.

A elaboração contínua do CTB, de 1998 até o presente, parte de uma constatação de que a maneira de se progredir, em termos de compreensão da história das línguas é a compilação de uma grande quantidade de dados que permitam dar a resposta para questões sintáticas, de modo rápido e confiável.

De António Vieira, constam 3 obras compiladas no Tycho Brahe: (i) a *História do Futuro* (sem anotação); (ii) os *Sermões*, cinco (05) do Advento (anotações morfológica e sintática), sendo dois (02) da primeira domingo, um (01) da segunda e dois (02) da terceira; e (iii) as *Cartas*, um total de 50 (anotações morfológica e sintática), sendo 46 ao Marquês de Niza e 4 a Duarte Ribeiro de Macedo.

Os cinco (05) Sermões de António Vieira constantes no Corpus Tycho Brahe são, todos, sermões do Advento:

- Sermão da Primeira Domingo do Advento. Prégado na Capella Real, no Anno de 1652. *Amen dico vobis, non praeteribit generatio haec donec omnia fiant*. Luc. XXI. [Em verdade, vos digo: não passará esta geração, até que tudo se cumpra” (Lucas 21, 32)]¹⁷.
- Sermão da Primeira Domingo do Advento. *Caelum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt*. Luc. XXI. [Céus e terra passarão: não passarão as minhas palavras (Lucas 21, 33)].
- Sermão da Segunda Domingo do Advento. *Joannes in vinculis*. Matth. XI. [João na prisão (Mateus 11, 2)].
- Sermão da Terceira Domingo do Advento. *Tu quis es? Quid dicis de te ipso?* Joan., I. [Tu, quem és? Que dizeis de ti mesmo? (João 1, 22)].
- Sermão da Terceira Domingo do Advento. Prégado na Capella Real, no Anno de 1644. *Miserunt Judæi ab Jerosolymis Sacerdotes, et Levitas ad Joannem, ut interrogarent eum: Tu quis es?* Joan. I [sacerdotes de Jerusalém e levitas, enviados dos judeus, a João, o interrogaram: tu, quem és? (João 1, 19)].

Alguns assuntos das Domingas do Advento favorecem construções contrastivas, como bem observou Galves (2003). Na seção 4.4 veremos o comportamento dos clíticos nos predicados complexos de orações principais/matrizes (IP-MAT) em face à temática da domingo que perpassa o contexto semântico/discursivo do dado.

4.2 A busca com Corpus Search

De acordo com o manual do CTB (2008), o fenômeno da subida de clítico (*clitic climbing*) recebe uma anotação específica que permite a busca automática pelos padrões que correspondem à subida do clítico. Na anotação do Tycho Brahe uma sentença com *clitic*

¹⁷ Tradução livre do latim, com base nas citações bíblicas. Todas as traduções entre colchetes desta seção foram feitas livremente.

climbing possui uma categoria vazia (anotada com *), que corresponde à posição de origem do clítico dentro do IP, é dominada por um NP acrescido de outra etiqueta que equivale à função desempenhada pelo clítico. Já a categoria que domina o próprio clítico em posição mais alta, não tem função, mas é co-indexada com o traço do clítico. O manual da anotação sintática do Corpus Tycho Brahe está disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/gentle-wiki/SyntacticAnnotations.html>.

Para o trabalho de busca, usamos os recursos que a anotação do corpus eletrônico nos permite usar, nesse sentido, lançamos mão da tecnologia desenvolvida pelo grupo de pesquisa do Prof. Antony Kroch, utilizando ferramenta de busca automática para corpora anotados sintaticamente *Corpus Search*¹⁸.

Um exemplo de dado retornado na busca automática por alçamento de clítico em IP-MAT segue abaixo:

Não vos quero ter suspensos.
(V_004,67.77)

1 IP-MAT: 1 IP-MAT, 6 NP-1, 7 CL, 16 *-1
(0 (1 IP-MAT (2 NP-SBJ *pro*)
 (4 NEG Não)
 (6 NP-1 (7 CL vos))
 (9 VB-P quero)
 (11 IP-INF (12 TR ter)
 (14 IP-SMC (15 NP-SBJ *-1)
 (17 ADJP (18 VB-AN-P suspensos))))
 (20 . .))
(22 ID V_004,67.77))¹⁹

A busca com o *Corpus Search* envolve uma linguagem de busca (*query language*) que é utilizada na criação de arquivos de comandos (*command file*), denominados *queries*, que contêm a indicação do objeto a ser pesquisado no arquivo do corpus, arquivo de entrada (*input file*), e gera um arquivo de saída (*output file*), com os dados relacionados ao objeto buscado.

Arquivo de saída possui a seguinte estrutura:

- Um prefácio (*preface*) indicando a versão do corpus search, a data da busca, o arquivo de comando, o corpus pesquisado, e o arquivo de saída, além da chave da busca (a *query* utilizada).

¹⁸ Mais informações sobre a ferramenta se encontram no site da internet: <http://corpussearch.sourceforge.net/>

¹⁹ Representação extraída do CTB, para uma sentença de Vieira, retornada em nossa busca de clitic climbing.

- A impressão dos dados, antecedidos por um cabeçalho (*header*) e precedidos por um rodapé (*footer*), ambos indicando o arquivo pesquisado (*source file*) pela query, e os limites dos dados dos diferentes arquivos pesquisados ao mesmo tempo, selecionados automaticamente pela ferramenta em dois formatos:
 1. linear não anotado, e
 2. arbóreo anotado
- Um sumário (*summary*), contendo o resultado quantitativo da busca em cada arquivo pesquisado ao mesmo tempo e uma somatória de todos os resultados.

Exemplo do prefácio:

PREFACE:

Copyright 2010 Beth Randall [Versão do CorpusSearch]

Date: wed Oct 10 17:55:00 BRT 2018 [Data da busca]

command file: ../queries/CliticClimbing-matriz.q [arquivo de comando]

input file: v_004_part_psd.txt [o corpus pesquisado]

output file: ../queries/CliticClimbing-matriz.out [o arquivo de saída]

node: * IP-MAT

query: (IP-MAT iDomsMod [1]NP* CL)

AND ([1]NP* SameIndex **)

[A chave de busca]

A query acima busca orações matrizes (IP – MAT) que dominem imediatamente um sintagma nominal (NP) qualquer, que domina um clítico (iDomsMod). E este mesmo NP ([1]) está coindexado (SameIndex) com uma categoria vazia (*).

Exemplo da impressão dos dados:

HEADER:

source file: v_004_part_psd.txt

*/

/~*

A questÃ£o d@ @o dia d@ @o Juiso, e fim d@ @o mundo, pÃ³de- -se excitar de doismodos e em dois sentidos: ou mais largamente quanto a@ @os annos, ou maisestreita e determinadamente quanto a@ @o dia.

(V_004,64.38)

*~/

/*

1 IP-MAT: 1 IP-MAT, 43 NP-1, 44 CL, 48 *-1

*/

(0 (1 IP-MAT (2 NP-SBJ (3 D-F A)

(5 N questÃ£o)
 (7 PP (8 P d@)
 (10 NP (11 D @o)
 (13 N dia)
 (15 PP (16 P d@)
 (18 NP (19 D @o) (21 NPR Juízo)))
 (23 , ,)
 (25 CONJP (26 CONJ e)
 (28 NX (29 N fim)
 (31 PP (32 P d@)
 (34 NP (35 D @o) (37 N mundo)))))))))
 (39 , ,)
 (41 VB-P pÃ³de-)
 (43 NP-1 (44 CL -se))
 (46 IP-INF (47 NP-SE *-1)
 (49 VB excitar)
 (51 PP (52 PP (53 P de)
 (55 NP (56 NUM dois) (58 N-P modos)))
 (60 CONJP (61 CONJ e)
 (63 PP (64 P em)
 (66 NP (67 NUM dois) (69 N-P sentidos))))))
 (71 . :)
 (73 ADVP-PRN (74 ADVP (75 CONJ ou)
 (77 ADV-R mais)
 (79 ADV largamente)
 (81 ADVP (82 WADV quanto)
 (84 PP (85 P a@)
 (87 NP (88 D-P @os) (90 N-P annos))))))
 (92 , ,)
 (94 CONJP (95 CONJ ou)
 (97 ADJP (98 ADV-R mais)
 (100 ADV estreita)
 (102 CONJP (103 CONJ e) (105 ADV
 determinadamente)))
 (107 ADVP (108 WADV quanto)
 (110 PP (111 P a@)
 (113 NP (114 D @o) (116 N dia)))))))))
 (118 . .))
 (120 ID V_004,64.38))

(...)

FOOTER

source file, hits/tokens/total
 v_004_part_psd.txt 66/65/2201
 */
 /*

Exemplo de Sumário

SUMMARY:

source files, hits/tokens/total
 v_004_part_psd.txt 66/65/2201
 whole search, hits/tokens/total
 66/65/2201

A busca automática retornou 66 sentenças com *clitic climbing* em todo o corpus pesquisado pela *query*, indicada na chave de busca do arquivo de saída. Após a busca automática cada dado foi analisado manualmente, pois nem todos os casos que a busca automática retorna são de fato dados que interessam aos estudos, em alguns casos a busca precisa ser refinada algumas vezes. No caso dessa *query* específica, a busca retornou, além de 46 dados válidos e 20 casos de alçamento do clítico do interior de Small clauses ou de NPs (clíticos genitivos).

4.3 Os fatores para a classificação e análise de dados

Para análise do fenômeno, foram observados nos dados os seguintes grupos de fatores que nos serviram para identificar, descrever e analisar cada dado: (1) os verbos envolvidos; (2) o tipo do predicado no complexo verbal (com verbos auxiliares ou semi auxiliares e com verbos diferentes de auxiliar); (3) o tipo do complexo verbal (reestruturação ou união de orações); (4) o tipo de clítico; (5) ordem e natureza dos constituintes no complexo verbal (foram identificados os constituintes pré e pós verbo finito e não-finito e sua natureza/função, os casos de sujeito nulo também foram marcados); (6) a ordem do clítico (se em próclise ou em ênclise ao verbo); (7) o contexto sintático com relação a ordem relativa ênclise vs. próclise (se o contexto é de variação ou de colocação obrigatória); (8) o contexto discursivo/temática; e, (9) o sermão.

4.3.1 Os verbos envolvidos

A classificação dos dados a partir deste fator visou listar os verbos recorrentes nos dados de subida e não-subida. Quatro combinações de verbos foram recorrentes na subida:

- haver + acabar:

*Finalmente, no dia do Juízo **ha se de acabar** a vida com o mundo;* (2)

- poder + dar:

*nenhuma benção se **podia dar** á lua mais venturosa, que o não crescer, porque se não crescèra, não minguára* (3)

- poder + ter:

*e todas as noticias só as **póde ter** quem viu com os olhos* (4)

- querer + seguir

*É culpa **querer-vos seguir**, e merecimento não vos buscar?* (5)

Em relação à combinação com os grupos de auxiliares ou grupos diferentes de auxiliar, há recorrências de um mesmo verbo. O auxiliar modal “poder” é o mais recorrente. Ainda no complexo modal, aparece o auxiliar “dever”. Do complexo temporal, aparecem os auxiliares “haver” e “ir”; aparecem ainda compostos de grupo verbal diferente de auxiliar: “querer”, “deixar”, “saber” e “começar”.

Em relação às combinações da não-subida, listamos aqui alguns dos casos:

- haver + pagar

*Na outra vida **ha-de-nos pagar** Deus as boas obras com a posse da gloria;* (6)

- poder + enganar

*Nem o Baptista podia enganar, nem Christo **podia enganar-se*** (7)

- acabar + crer

*Repetiu o Evangelista tres vezes a mesma afirmação (dizem os Doutores) porque lhe pareceu que fôra tão grande coisa confessar o Baptista que não era o Messias, que se o dissera menos vezes, nem elle se acabára de explicar, nem nós **acabamos de o crêr**.* (8)

Quanto às combinações com grupos de auxiliares ou grupos diferente de auxiliar, há recorrências de um mesmo verbo. O auxiliar temporal *haver* é o mais recorrente. Ainda dentro do complexo temporal, aparece *ir*. Dentre os modais, aparece *poder*. Entre os compostos de grupo verbal diferente de auxiliar, aparecem: *vir*, *acabar* e *costumar*.

4.3.2. Tipo de predicado no complexo verbal

Seguindo a classificação proposta por Namiuti (2008, p. 306), os tipos de predicado nos complexos verbais foram classificados em 4 tipos: temporal, modal, aspectual e um quarto tipo: verbo diferente de auxiliar:

a) composto verbal com auxiliar aspectual – ex.: “estava fazendo”; “ia jogando” (não dá para traduzir por tempo).

Nenhum dado foi atestado com este tipo de predicado.

b) composto verbal com auxiliar temporal – traduz-se por tempo perfeito. Ex.: havia feito (fizera); vai fazer (fará).

*Então **hãõ se de examinar** as obras* (9)

*Logo n'este sentido **se hãõ-de entender** as Escripturas, tantas e tão expressas, as quaes todas dizem que vem Christo ao Juiso particular.* (10)

*Na outra vida **ha-de-nos pagar** Deus as boas obras com a posse da gloria [...]* (11)

***Houve de se prover** este officio a primeira vez [...]* (12)

c) composto verbal com auxiliar modal – “poder+inf.”; “dever+inf.”

*Quando Deus pede conta e dá tempo, ainda os que teem más contas, **as pôdem dar** boas, como aconteceu áquelle rendeiro do Evangelho, a quem o pae de familias disse: [: Redde rationem villicationis.]* (13)

*mas como os talentos Deus é quem os dá, e não os paes, não **se devem fundar** as eleições nas gerações, senão nas acções* (14)

d) composto de grupo verbal diferente de auxiliar – “mandou+inf.”; “querer+inf.”

*e, primeiro com a morte, e depois com a venda, **lhe quizeram impedir** a preeminencia sonhada* (15)

*Ora antes que desfaça a apparencia d'estas objecções, **quero-as convencer** com a evidencia de um exemplo, que todos trazemos diante dos olhos, e ninguem pôde negar.* (16)

4.3.3 Tipo de complexo verbal

Duarte (2003) apresenta duas estruturas, dentro das orações completivas não-finitas defectivas, que estão relacionadas a verbos que admitem um processo de formação de predicado complexo. São as construções denominadas de “Reestruturação” e de “União de Orações”:

Certos verbos, quando selecionam completivas de infinitivo não flexionado, admitem um processo de formação de predicado complexo. Quando este processo tem lugar, o verbo superior e a forma verbal infinitiva combinam-se para formar um predicado complexo e o domínio encaixado manifesta pouca autonomia sintáctica (DUARTE, 2003, p. 645).

Sobre as construções de Reestruturação, a autora afirma que são duas as classes de verbos que admitem formação de predicado complexo nessas construções: os verbos de controle de sujeito e os verbos de elevação, como em (17). Como ela enfatiza, fenômenos como a Subida de Clíticos e a possibilidade de Movimento Longo de Objeto mostram que existe a possibilidade de haver unidade estrutural em construções formadas por verbo superior e verbo encaixado.

Sobre as construções de União de Orações, temos dois tipos de verbos: os causativos e os perceptivos, como em (18). São esses verbos que, quando selecionam complementos infinitivos não flexionados, podem formar predicado complexo, combinando-se com o verbo encaixado.

Finalmente, no dia do Juiso ha-se de acabar a vida com o mundo (17)

Os que a vêem sicut aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, e param aqui; deixam-se levar da riqueza do dote, e da formosura da esposa (18)

4.3.4 Tipo de clítico

Esse fator de classificação consistiu em destacar, em cada dado, o clítico que foi alçado (nas sentenças com subida) ou não foi alçado (nas sentenças com não-subida).

Nas construções dos “Sermões”, aparecem ocorrências de clíticos não reflexivos, acusativos e dativos, de 3ª pessoa do singular e 1ª e 2ª do plural (a, o, as, os, se, lhe, nos, vos). Não aparecem ocorrências de 1ª e 2ª pessoas do singular. O clítico mais recorrente, tanto na subida, quanto na não-subida, foi o clítico “se”.

4.3.5 Ordem e natureza dos constituintes no complexo verbal

Uma vez que a natureza dos constituintes no complexo verbal pode afetar a colocação dos clíticos, e sua ordenação nos dar pistas sobre a gramática, para a descrição e análise dos dados de subida e não subida de clítico foram identificados os constituintes pré e pós verbo finito e não finito e sua natureza/função. Os casos de sujeito nulo também foram marcados.

Para a anotação desse grupo de fatores, elaboramos o quadro, apresentado no apêndice B, da dissertação, com uma codificação e uma previsão de possibilidades de ordenação para cada tipo de constituinte passível de ocorrer nas orações matrizes com período composto nas posições pré e pós verbais e entre os verbos do complexo. Foram previstas três (3) posições pré-verbo finito, uma (1) posição pós-verbo finito, uma (1) posição pré verbo não finito e duas (2) posições pós -verbo finito. Os seguinte constituintes foram previstos na metodologia de classificação e anotados nos dados: um clítico, o operador de negação sentencial “não”, advérbios negativos (nunca, jamais), sujeito nominal, sujeito pronominal sujeito Quantificado por quantificador Universal, complemento direto, complemento direto preposicionado, complemento indireto ou oblíquo, Sintagma Preposicional Adjunto, Sintagma adverbial com função de adjunto, oração adjunta (subordinadas adjuntas), conjunção coordenativa, partículas, preposições ou advérbios de focalização (até, já ...) e a categoria outro (não previsto).

Foram observadas diferentes configurações de constituintes antecedendo e precedendo o clítico e os verbos (vf e vnf) com a subida e com a não-subida de clítico. Por exemplo, o sujeito, ora antecede o vf, ora está interpolado entre vf e vnf no complexo verbal e ora segue o vnf. Também foi observada a negação no domínio finito (antecedendo o verbo finito) e no domínio não-finito (antecedendo o verbo não-finito) com consequências para o fenômeno da subida de clíticos. Os resultados da descrição e anotação desse grupo de fatores nos pareceu relevante e será apresentado na seção 5.

4.3.6 Colocação do clítico

Sobre a colocação do clítico no complexo verbal, temos as seguintes configurações em (A) próclise na subida e (B) ênclise na subida; (C) ênclise na não-subida e (D) próclise na não-subida:

(A) Configurações com próclise da subida:

- i. próclise ao verbo finito, seguido do verbo não-finito em orações não negativas [(XP) cl/vf/vi], configuração mais recorrente²⁰;

Pois assim o pôde conhecer cada um de si, dentro em si mesmo (19)

- ii. próclise ao verbo finito, seguido de preposição, e verbo não-finito [(cl/vf/prep/vi)]. Esta ordenação por vezes aparece com a preposição grafada em ênclise ao verbo finito [(XP) cl/vf-prep/vi]²¹;

n'esta vida já nol-as começa a pagar com a segurança d'ella (20)

mas com o mesmo mundo se hão-de acabar também os encargos da vida (21)

- iii. próclise ao verbo finito, seguido do verbo não-finito, contendo o operador de negação sentencial antecedendo o verbo finito [(XP) neg/cl/vf/vi]²²;

mas como os talentos Deus é quem os dá, e não os paes, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções (22)

- iv. próclise ao verbo finito, seguido da preposição grafada em ênclise, e verbo não-finito contendo o operador de negação sentencial antecedendo o verbo finito [(XP) neg/cl/vf-prep/vi]:

e o que custou este preço, não se ha-de dar por nenhum preço (23)

- v. próclise ao verbo finito, sujeito, e verbo não-finito [(XP) cl/vf/suj/vi];

E com este desengano da vida passada e desesperação da futura, os iam todos vêr (24)

(B) Configurações com ênclise da subida:

²⁰ A codificação para a descrição da ordenação envolve códigos que representam os constituintes em uma sequência linear. Indicamos em todas as sequências a possibilidade de ocorrência de um constituinte qualquer (XP), antecedendo o complexo verbal na periferia esquerda da sentença. Para o pronome clítico utilizamos o código cl; para o verbo finito, vf; e para o verbo não-finito, vi. A barra delimita as fronteiras de cada constituinte.

²¹ A codificação para a descrição da ordenação, além de envolver os códigos apresentados na nota anterior, “(XP)”. “cl”, “vf”, “vi” e “ / ”, quando, na sequência linear do dado, aparece a preposição, marcamos na codificação da ordem, a identificação desse constituinte como “prep.”. Utilizamos o hífen para indicar as estruturas marcadas, graficamente, no texto original como enclíticas.

²² Seguindo a lógica da codificação para a ordenação e a natureza dos constituintes no complexo verbal, quando o operador de negação faz parte da sequência, indicamos esse constituinte como “neg”, na descrição da sequência linear.

- vi. ênclise ao verbo finito, seguido de verbo não-finito [(XP) vf-cl/vi];

*A questão do dia do Juízo, e fim do mundo, **póde-se excitar** de dois modos e em dois sentidos: ou mais largamente quanto aos annos, ou mais estreita e determinadamente quanto ao dia.* (25)

- vii. ênclise ao verbo finito, seguida de preposição, e verbo não-finito [(XP) vf/cl/prep/vi]. Supomos ser um caso de ênclise ao verbo finito por conta da preposição, que introduz a oração com o verbo não finito;

*Então **hãõ se de examinar** as obras* (26)

(C) Configurações com ênclise da não-subida:

- viii. ênclise ao verbo não-finito [(XP) vf/vi-cl].

*Nem o Baptista podia enganar, nem Christo **podia enganar-se**:* (27)

- ix. ênclise ao verbo não-finito, contendo o constituinte sujeito entre os verbos finito e não-finito [(XP) vf/suj/vi-cl]²³;

***Costumam as Letras seguir-se** as Armas, porque tudo leva após si o maior poder* (28)

- x. ênclise ao verbo não-finito com preposição, hifenização sugerindo ênclise da preposição ao verbo finito [(XP) vf-prep/vi-cl];

*O zelo, uma virtude tanto do céo, **ha-de comparar-se** ao inferno?* (29)

(D) Configuração com próclise da não-subida:

- xi. próclise ao verbo não-finito [(XP)vf/prep/cl/vi], configuração mais recorrente. Esta ordenação por vezes aparece também com hifenização, sugerindo a ênclise do clítico e da preposição ao verbo finito [(XP) vf-prep-cl/vi], como em (31);

***Prometti de vos dizer** com certeza quando ha-de ser o dia do Juízo.* (30)

*Os prophetas **hãõ-de-se pezar**.* (31)

²³ Seguindo a lógica da codificação para a ordenação e a natureza dos constituintes no complexo verbal, quando o sujeito lexical faz parte da sequência, indicamos esse constituinte como “suj”, na descrição da sequência linear.

Tomamos a preposição como fronteira sintática para reforçar a hipótese da não subida nos dados (30) e (31) Uma observação relacionada a (31) é que o verbo auxiliar é o temporal “haver” e a sequência deste verbo (prosodicamente fraco) com a preposição átona “de” e o clítico pode justificar formação de grupo clítico [hã-de-se] (uma única palavra fonológica). Dados de subida do clítico em próclise com o verbo “haver” também sugerem que a preposição que introduz a oração não-finita com “haver” liga-se a ele encliticamente, como se observa em (32).

não se hã-de contar (32)

Seguindo a lógica da preposição como fronteira entre a flexão finita e não-finita dados como o (33) foram retornados na busca de subida e classificados como dado de ênclise ao verbo finito em que o clítico está acima da preposição, com o verbo haver.

Então hã se de examinar as obras (33)

Comparando os dados de subida e não-subida com “haver” ((31), (32), (33)); e não-subida com “prometer” ((30)), parece haver aí uma diferença qualitativa com relação ao arranjo da preposição e do verbo finito. A preposição que introduz a oração não-finita, se essa oração é objeto do auxiliar temporal “haver”, preposição e verbo auxiliar podem formar um grupo clítico. O mesmo não se espera que aconteça com verbos fonologicamente pesados do tipo “prometer”.

4.3.7 Contexto Sintático com relação a ordem relativa ênclise vs. próclise

Andrade (2010) observa que a colocação do clítico alçado ao verbo flexionado segue o mesmo padrão de colocação dos predicados simples que possuem contextos de próclise categórica - orações encaixadas e orações matrizes introduzidas por elemento proclisador (certos advérbios, elementos focalizados e a negação) -; de ênclise categórica - orações matrizes V1-; e de variação próclise e ênclise - orações matrizes introduzidas por constituinte/elemento neutro (não atrator de próclise). Para o autor, nos casos em que o clítico não é alçado, sua colocação é determinada por requisitos prosódicos.

Considerando o que observou Andrade (2010) sobre a ordem relativa clv/vcl nos contextos de predicados complexos, optamos por marcar se a ordem relativa atestada no dado (ênclise ou próclise) está em um contexto de variação ou de colocação obrigatória.

Assim, na descrição dos dados da subida/não-subida, indica-se se o contexto é de variação, próclise vs. ênclise; de próclise obrigatória, ou de ênclise obrigatória.

4.3.8 O contexto discursivo (referências bíblico-teológicas)

Uma das escolhas feitas para a realização deste trabalho foi, após a busca automática, pelo *Corpus Search*, dos dados de subida e não-subida, e a seleção manual, (que excluiu, por exemplo, dados de *small clause*), a leitura integral dos *Sermões*, objetivando-se a compreensão da estrutura do texto e a do contexto em que aparecem subida ou não-subida do clítico. A leitura observou a temática das domingas que aparecem indicadas na edição do Corpus Tycho Brahe e se atenta para as referências bíblico-teológicas dos *Sermões*, algumas vezes apresentadas pelo próprio Vieira, dentro do texto; outras, pesquisadas externamente em material específico para estudo da Bíblia e de Teologia.

Entre os aspectos observados, estão os elementos que apresentam contraste, próprio do estilo literário barroco, como exemplificado em (A); e a referência do sujeito, como exemplificado em (B), ou da narração bíblica apresentada por Vieira, como exemplificado em (C).

A) Elemento contrastivo:

não se hãõ-de contar (34)

No contexto maior, encontramos: *Os prophetas hãõ-de-se pezar, nãõ se hãõ-de contar*. Nesse contexto, observa-se o contraste referente ao que acontecerá aos profetas. Segundo Vieira, os profetas não serão contados, mas pesados, pois, na Escritura, as profecias são chamadas de peso.

n'esta vida já nol-as começa a pagar com a segurança d'ella (35)

Refere-se às boas obras. Vieira diz que Deus começa a nos pagar as boas obras ainda nesta vida. Esse é o final do sermão, que vem com um forte apelo para uma mudança de vida, para a realização de boas ações para garantir o prêmio definitivo na “glória”, na outra vida.

Olhando-se para a sentença completa, há um contraste entre “na outra vida”, “nesta vida” [Na outra vida ha-de-nos pagar Deus as boas obras com a posse da gloria; n'esta vida já nol-as começa a pagar com a segurança d'ella]

Observa-se que nos exemplos (34) e (35), em que houve o alçamento do clítico, há a presença de elemento proclisador no domínio do verbo finito, “não” e “já”, respectivamente.

B) Referência de sujeito:

*e, primeiro com a morte, e depois com a venda, **lhe quiseram impedir** a preeminencia sonhada* (36)

Referência a José do Egito. Segundo a Bíblia, no livro do Gênesis, com medo de que o sonho de José se cumprisse, seus irmãos planejam, primeiro matá-lo; em seguida, arrependidos, decidem vender o irmão para ser feito de escravo (Gn 37).

*e elles **se deixaram tratar** em tudo como homens, acceitando a sua meza e os outros agasalhos da hospedagem.* (37)

Refere-se aos três anjos que apareceram a Abraão, no vale do Mambré, conforme narrado no livro do Gênesis (Gn, 18)

Observa-se que nos exemplos (36) e (37), em que houve o alçamento do clítico, não há a presença de elemento proclisador no domínio do verbo finito - contextos de variação ênclise e próclise.

(C) Referência da narração bíblica:

e o que custou este preço, não seha-de dar por nenhum preço (38)

Refere-se às terras de Ramoth Galaad, que estavam em mãos de inimigos, pertenciam à coroa do Rei Acab. Por esse motivo, entre outros dois, o rei, contrariando a profecia de Micheas, decide fazer guerra. Por essas terras, foi derramado o sangue de muitos vassalos. Por isso, essas terras eram caras ao rei.

Costumam as Letras seguir-se as Armas porque tudo leva após si o maior poder. (39)

Narração do fato ocorrido no evangelho de João, capítulo 1, que fala do envio de sacerdotes de Jerusalém e levitas, pelos judeus para interrogarem ao profeta João Batista sobre quem ele era.

*Porque a estatua, na dureza dos metaes de que era composta, e no mesmo nome de estatua, parece que representava estabilidade e firmeza: e porque nenhum d'aquelles imperios havia de perseverar firme e (estavel, mas todos **se haviam de mudar** successivamente, e ir passando de umas nações a outras; por isso [os tornou a **representar**] na variedade das carroças, na inconstancia das rodas, e na carreira e velocidade dos cavalos*

(40)

O final do evangelho de Lucas, fala que tudo passará, exceto a Palavra de Deus. Vieira exemplifica com as profecias relacionadas à queda dos quatro impérios ou monarquias do mundo: o império caldeu, o persa, o grego e o maior deles, o romano. O padre diz que todos esses impérios passaram. Os impérios do mundo foram representados ao rei Nabucodonosor como uma estátua de quatro metais; ao profeta Zacarias como quatro carroças de cavalos de diferentes cores e ao profeta Daniel como quatro ventos principais que travavam uma batalha no mar.

No tocante às observações gerais, o discurso dos sermões das domingos do advento é um discurso escatológico, voltado para o fim dos tempos e para o juízo final: um olhar para a história humana (1ª domingo); para as coisas celestes: a mensagem do evangelho de Lucas “céus e terra passarão, mas a Tua Palavra não passará” (2ª domingo) e para si mesmo “tu, quem és? Que dizes de ti mesmo?” (3ª domingo).

No calendário litúrgico da igreja católica, o tempo do Advento, é o primeiro do ano litúrgico, imediatamente anterior ao tempo do Natal. Conforme a etimologia latina, *advento*, significa chegada, vinda (Houaiss registra: lat. *adventus,us* 'chegada, vinda', de *advenire* 'chegar'). Corresponde ao tempo de preparação para o Natal, que é a celebração do nascimento de Jesus. É um tempo em que a igreja convida ao exercício de uma espiritualidade voltada para repensar a sua existência no mundo, rever a sua conduta pessoal com vistas ao momento da morte, à vida no reino dos céus, em que o cristão deverá prestar de contas de seus atos, da forma como está conduzindo a vida terrena.

Há um forte apelo ao desapego das vaidades. A leitura do primeiro domingo do advento, conforme o calendário da igreja católica, é a leitura do evangelho de Lucas, capítulo 22, que fala do fim do mundo. Antropologicamente, a perspectiva do fim, provoca uma ressignificação

dos fatos. Sendo esse fim o do mundo, a ressignificação é da própria vida humana, do seu valor neste lugar. Vieira fala, então, do sentido da história, do tempo, do caminhar da vida humana na face da terra, tendo em vista a sua destinação final. Para Massimi (2001), o Vieira que fala nos Sermões do advento não é um Vieira milenarista, no sentido de acreditar num reinado futuro de Cristo na terra, por mil anos, conforme fala (a respeito do milenarismo) Delumeau (1997), mas de um Vieira que acredita na concepção do advento de uma cidade celeste com um reinado eterno de Cristo, após um combate contra as forças do mal.

O advento do milênio foi concebido como devendo situar-se entre uma primeira ressurreição – a dos eleitos já mortos – e uma segunda – a de todos os outros homens na hora de seu julgamento. [...]. Dois períodos de provações irão enquadrá-los. O primeiro verá o reino do Anticristo e as tribulações dos fiéis de Jesus que, com este, triunfarão das forças do mal e estabelecerão o reino de paz e de felicidade. O segundo, mais breve, verá uma nova liberação das forças demoníacas, que serão vencidas num último combate (DELUMEAU, 1997, p. 18-9).

A concepção do juízo final de Vieira, portanto, está em consonância com o pensamento dogmático da igreja católica, sobretudo como apontam os chamados Padres da Igreja, como santo Agostinho, em que o reino do céu já se faz presente na história, embora ainda não exista em plenitude.

O discurso do Sermão da primeira domingo do Advento é escatológico e traz a imagem de Deus como “Justo Juiz”, em contraste com a justiça dos homens. Há uma sequência de contrapontos entre os dois juízos, oriundos de modos diferentes de possuir “consciência”, em relação às acusações.

A segunda razão de o juízo dos homens ser mais terrível que o Juízo de Deus, é porque no Juízo de Deus geralmente basta só o testemunho da própria consciencia : no juízo dos homens a própria consciencia não vale testemunha. Vêde que grande é a fidalguia do Juízo de Deus. Apareceis diante do tribunal divino, accusam-vos os homens, accusam-vos os anjos, accusam-vos os demonios , accusam-vos vossas proprias obras, accusam-vos o céo, a terra, o mundo todo, se a vossa consciencia vos não accusa, estaes-vos rindo de todos. No juízo dos homens não é assim. Tereis a consciencia mais innocente que a de Abel, mais pura que a de José, mais justificada que a S. João Baptista: mas se tiverdes contra vós um Caïn invejoso, um Putifar mal informado, ou um Herodes injusto, ha-de prevalecer a inveja contra a innocencia , a calumnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça e por mais que vos esteja saltando e bradando dentro no peito a consciencia , não vos hão-de valer seus clamores. Vêde que comparação tem este rigor com o do Juízo de Deus (VIEIRA, 153).

Depois de ter pregado esse sermão, Vieira prega, em Lisboa, um segundo sermão da Primeira Domingo do Advento, sobre o sentido do tempo da humanidade, sobre a condição passageira da existência.

Como afirma Massimi (2001), a mentalidade barroca aparece muito claramente nas palavras de Vieira, quando ele menciona a mutabilidade das coisas e fala da fugacidade da vida, traçando um paralelo com o sonho: todas as coisas passam e o tempo corre para o nada (cf. Massimi, 2001). Assim, Vieira expressa:

Todas as cousas do mundo, por grandes e estáveis que pareçam, tirou-as Deus com o mesmo mundo do não ser ao ser; e como Deus as criou do nada, todas correm precipitadamente e sem que ninguém as possa ter na mão, ao mesmo nada de que foram criadas. Vistes o torrente formado da tempestade súbita, como se despenha impetuoso e com ruído; e tanto que cessou a chuva, também ele se secou, e sumiu subitamente e tornou a ser o nada que dantes era? [...] Sonhastes no último quarto da noite, quando as representações da fantasia são menos confusas, que possuéis grandes riquezas, que gozáveis grandes delícias, e que estáveis levantando a grandes dignidades; e quando depois acordardes, vistes com os olhos abertos, que tudo era nada? Pois assim passam a ser nada em um abrir de olhos todas as aparências deste mundo (VIEIRA, 1998)²⁴

4.3.9 O Sermão

O nono e último fator considerado foi o Sermão. A cada dado foi identificado a qual sermão pertencia, a fim de identificar o dado, e angariar as informações necessárias para uma análise que considera a relação entre a sintaxe e o discurso na colocação dos pronomes clíticos.

Conforme apresentamos na seção 4.1 sobre o corpus, os cinco (05) Sermões de António Vieira constantes no Corpus Tycho Brahe são, todos, sermões do Advento, sendo dois da primeira domingo, um da segunda domingo e dois da terceira domingo.

Na seção que se segue, seção 5, apresentaremos os resultados alcançados.

²⁴ Edição de Referência: Sermões, Padre António Vieira, Erechim: Edelbra, 1998.
Edição eletrônica: Verônica Ribas Cúrcio

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As construções de subida de clíticos são, em certo sentido, anômalas: sua natureza anômala consiste no fato de que os clíticos aparecem no domínio da matriz, em vez de no domínio do complemento em que eles são gerados, sem que haja uma causa óbvia que faz com que eles se movam para o primeiro. Como tal, a teorização sobre essas construções envolve uma tentativa de compreensão mais profunda e sutil dos meios que a Gramática Universal tem disponível para a expressão de relações de complemento oracional (BOK-BENNEMA, 2006)²⁵

Aplicamos a metodologia de busca automática do *Corpus Search* no arquivo sintaticamente anotado dos *Sermões* do Padre António Vieira, o qual possui um universo de duas mil, duzentas e uma (2.201) sentenças anotadas.

A pesquisa que contempla as ocorrências e possibilidades de alçamento de clítico (*clitic climbing*) foi feita considerando o contexto de IP Matriz, ou seja, no predicado complexo, o verbo flexionado é o núcleo do IP matriz, e o clítico, argumento do IP não-finito, encaixado no IP matriz.

A interferência do foco, da oposição e do contraste é mais forte na oração matriz do que na oração subordinada, pois nos domínios encaixados fatores exclusivamente sintáticos, como a existência necessária de um CP, podem por si só legitimar uma posição alta para clítico evidenciada nos fenômenos do alçamento e da interpolação (ANDRADE, 2010; NAMIUTI, 2008). Uma vez que esta pesquisa busca relacionar o fenômeno da subida de clíticos com conteúdos informacionais e discursivos, seguindo os pressupostos de Galves (2003) para a variação ênclise e próclise, nessa pesquisa, optou-se por investigar a subida de clítico no IP Matriz, porque é o IP matriz o lugar onde a saliência discursiva e o foco da sentença contribuem decisivamente para a regulação da posição em que o clítico se apresenta no PCI.

Constatamos que quatro fatores são relevantes para a subida: a) o conteúdo discursivo (presença de agudeza e elemento contrastivo); b) a presença da negação sentencial no domínio finito; c) o contexto de próclise obrigatória e d) o tipo do complexo verbal (auxiliar modal parece favorecer o fenômeno).

²⁵ Tradução livre do inglês: “Clitic climbing constructions are in some sense anomalous: their anomalous nature consists in the fact that the clitics appear in the matrix domain rather than in the complement domain in which they are generated, without there being an obvious trigger that causes them to move to the former. As such, theorizing about these constructions involves an attempt at a deeper and more subtle understanding of the means Universal Grammar has available for the expression of clausal complement relations”.

Apresentamos, a seguir, os resultados gerais de subida e não-subida de clítico: Subida e não-subida em orações matrizes com predicados complexos; Subida e não-subida por domingo; Subida e não-subida de clítico em contexto de variação próclise vs. ênclise; Subida e não-subida de clítico em contexto de próclise obrigatória; e Subida e não-subida de clítico em contexto de ênclise obrigatória.

A tabela 1 traz os dados gerais da quantidade de subida e não-subida nos sermões do Padre António Vieira, com a respectiva percentagem. Calculamos que a frequência de subida foi de 0,79 (79%) e de não-subida foi de 0,21 (21%).

Tabela 1 – Quantidade de subida e não-subida em orações matrizes com predicados complexos nos “Sermões”

	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SUBIDA	41	79%
NÃO-SUBIDA	11	21 %
TOTAL	52	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

O resultado da variação subida e não subida em orações matrizes reflete o que está descrito para o fenômeno de maneira geral para o PCI - alta frequência de alçamento.

A tabela 2 apresenta a distribuição da subida e não-subida por domingos. Onde mais aparece subida de clítico é no sermão da Primeira Domingo do Advento I, com uma quantidade de 18 ocorrências que equivalem a 44%, seguido do sermão da Terceira Domingo do Advento I, com 13 ocorrências (32%). A não-subida está mais concentrada no sermão da Terceira Domingo do Advento I.

Tabela 2 – Distribuição da subida e não-subida de clítico por domingo

SERMÃO	SUBIDA	%	NÃO-SUBIDA	%	TOTAL
Primeira Domingo do Advento I (62-99)	18	95%	1	5%	19
% por domingo	44%		9%		37%
Primeira Domingo do Advento II (102-145)	3	75%	1	25%	4
% por domingo	7%		9%		8%
Segunda Domingo do Advento (148-172)	0	0	0	0	0
% por domingo	0%		0%		0%
Terceira Domingo do Advento I (174-200)	13	65%	7	35%	20
% por domingo	32%		64%		38%
Terceira Domingo do Advento II (202-216)	7	78%	2	22%	9
% por domingo	17%		18%		17%
TOTAL	41	0,79	11	0,21	52
	100%		100%		100%

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

O resultado apresentado na tabela 2 é importante porque ele mostra um efeito do assunto, da temática do sermão, para o alicamento de clíticos. A Primeira Dominga do Advento I e a Terceira Dominga do Advento I são as domingas com a maior quantidade de dados em números absolutos, respectivamente com os totais 19 e 20. A primeira tem a temática do juízo final, para trabalhar a temática Vieira explora a oposição Deus e homem atestando 95% de subida de clítico nas orações matrizes com predicado complexo contra apenas 5% de não subida. A segunda tem como temática a vida de João Batista, tal temática acaba por não favorecer discursos de oposição e por consequência, contruções contrastivas são menos frequentes, fato que pode justificar uma frequência bem maior das estruturas de não-subida, 35%, em orações matrizes com predicados complexos.

A tabela 3 apresenta os contextos de variação próclise vs. ênclise, separados em subida e não-subida. Observamos que, em contexto de variação próclise vs. ênclise, a subida apresenta mais casos com próclise (17 dados), e a não-subida, mais casos com ênclise (08 dados):

Tabela 3 – Subida e não-subida de clítico em contexto de variação próclise vs. ênclise

	CONTEXTO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SUBIDA	cl vf / vi	17	49%
	vf-cl / vi	08	23%
	Frequência de subida		71%
NÃO-SUBIDA	vf / cl vi	03	9%
	vf / vi-cl	07	20%
	Frequência de não-subida		29%
TOTAL		35	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A tabela 3 mostra que a maior parte dos dados de subida de clítico coloca-se em próclise (49% do total de dados) enquanto a maior parte da não subida tem colocação enclítica (20% do total de dados)

A tabela 4 apresenta a variação subida/não-subida em contexto de próclise obrigatória. Todos os casos de próclise obrigatória são de subida (13 dados). Não há contexto de próclise obrigatória na não-subida:

Tabela 4 – Subida e não-subida de clítico em contexto de próclise obrigatória

	CONTEXTO	QUANTIDADE
SUBIDA	cl vf / vi	13
NÃO-SUBIDA	vf / cl vi vf / vi-cl	00 00
TOTAL		13

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A tabela 4 revela que em contextos de colocação proclítica obrigatória a subida de clítico é categórica nas orações matrizes.

A tabela 5 apresenta a variação subida/não-subida em contexto de ênclise obrigatória. Nenhum dado de subida aparece em ênclise obrigatória. A ênclise obrigatória é atestada em quatro (04) dados de não-subida, sendo que, em dois (02) casos ocorre próclise ao verbo não finito e, em nos outros dois (02) casos, ocorre ênclise ao verbo não finito, sugerindo que nos contextos de ênclise obrigatória o clítico permanece na posição mais baixa podendo variar sua colocação em torno do verbo não finito.

Tabela 5 – Subida e não-subida de clítico em contexto de ênclise obrigatória

	CONTEXTO	QUANTIDADE
SUBIDA	vf-cl / vi	00
NÃO-SUBIDA	vf / cl vi vf / vi-cl	02 02
TOTAL		04

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Para o contexto de ênclise obrigatória, resultado apresentado na tabela 5, foi considerado o contexto da oração superior (do verbo finito). Os casos de não subida são todos complexos do tipo “união de orações”. Os casos de não subida com ênclise ao verbo não finito ((1) e (2) abaixo) apresentam o constituinte sujeito da oração superior entre o verbo finito e o não finito, já os dados de não subida com próclise ao verbo não finito apresentam a preposição “de” entre os dois verbos.

- Costumam** as Letras **seguir-se** as Armas, porque tudo leva após si o maior poder (1)
- Veiu** um homem **offerecer-se** a Christo para o seguir a qualquer parte (2)
- Prometti de vos dizer** com certeza quando ha-de ser o dia do Juizo (3)
- Houve de se prover** este officio a primeira vez (4)

Os exemplos acima podem ser representados pelo seguinte esquema da não subida de clítico em união de orações em contexto V1 (de ênclise obrigatória) na oração superior:

não subida em união de orações (5)
 # V S V-cl
 # V prep cl V

5.1 Análise dos dados conforme os fatores de classificação

Apresentaremos aqui os resultados, conforme os grupos de fatores que foram observados: 1) ordem e natureza dos constituintes no complexo verbal; 2) tipo de complexo verbal (natureza do predicado); 3) os verbos envolvidos; 4) tipo de clítico; 5) a Reestruturação e a União de Orações e 6) contexto discursivo.

5.1.1 Colocação do clítico

A seguir, apresentamos duas tabelas referentes às colocações/ordens proclítica e enclítica em estruturas com e sem subida.

Observando-se a tabela 6, podemos verificar que os contextos de próclise são mais recorrentes na subida, sendo 30 (79%) de próclise contra 08 (21%) de ênclise; e os de ênclise são mais recorrentes na não-subida, com um total de 11 (79%) de ênclise contra 03 (21%) de próclise:

Tabela 6 – Quantidade de próclise e ênclise

	SUBIDA	NÃO-SUBIDA
PRÓCLISE	30 (79%)	03 (21%)
ÊNCLISE	08 (21%)	11 (79%)
TOTAL	38 (100%)	14 (100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A tabela 7, a seguir, apresenta os dados de ênclise e próclise apenas em contexto de variação e observamos a mesma tendência - preferência de próclise na subida e de ênclise na não subida.

Tabela 7 – Quantidade de próclise e ênclise em contexto de variação

	SUBIDA	NÃO-SUBIDA
PRÓCLISE	17 (68%)	03 (30%)
ÊNCLISE	08 (32%)	07 (70%)
TOTAL	25 (100%)	10 (100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

5.1.2 Tipo de complexo verbal (natureza do predicado)

A tabela abaixo apresenta os quatro grupos de complexo verbal e a quantidade de ocorrências.

Seguindo a classificação proposta por Namiuti (2008, p. 306), previmos a ocorrência, entre os dados de subida e não-subida de três compostos com verbos auxiliares, e um grupo verbal com verbos que são diferentes da descrição de verbo auxiliar.

Na subida, o composto verbal que mais ocorre é o auxiliar modal, com 25 ocorrências, seguido do temporal, com 15 ocorrências; o grupo verbal diferente de auxiliar apresenta 6 ocorrências. Não houve ocorrência de auxiliar aspectual.

Já na não-subida, o composto verbal que mais ocorre é o auxiliar temporal, com 7 ocorrências, seguido do grupo verbal diferente de auxiliar, com 5 ocorrências; o auxiliar modal apresenta 1 ocorrência. Não houve ocorrência de auxiliar aspectual.

Tabela 8 – A natureza do predicado na subida e na não subida

NATUREZA DO PREDICADO	SUBIDA	NÃO-SUBIDA	TOTAL
composto verbal com auxiliar aspectual	0	0	0
composto verbal com auxiliar temporal	14 (67%)	07 (33%)	21 (100%)
	34%	64%	40%
composto verbal com auxiliar modal	24 (96%)	01 (4%)	25 (100%)
	59%	9%	48%
grupo verbal diferente de auxiliar	03 (50%)	03 (50%)	6 (100%)
	7%	27%	12%
TOTAL	41	11	52
	100%	100%	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A tabela 8 revela que o tipo de complexo modal favorece a subida do clítico.

5.1.3 Verbos envolvidos

Os verbos que aparecem nos dados, de subida e não subida, são a maior parte compostos com o auxiliar o modal “poder” e temporal “haver”, também alguns casos com o verbo

“querer”. As combinações de verbos que se repetiram na subida foram: haver + acabar; poder + dar; poder + ter; querer + seguir. Em relação à combinação com os grupos verbais de auxiliares ou grupos de diferente de auxiliar, há recorrências de um mesmo verbo na oração superior (verbo flexionado): o auxiliar modal “poder” é o mais recorrente (aparece 14 vezes), seguido do auxiliar temporal “haver”, que aparece 10 vezes; “querer” aparece 5 vezes; “ir” aparece três vezes; “deixar” e “saber” aparecem duas vezes; os outros dois aparecem 1 vez (começar e dever).

Em relação às combinações da não-subida com grupos de auxiliares ou grupos de verbo diferente de auxiliar, foi atestado o auxiliar temporal “haver”, os verbos “vir”, “acabar”, “costumar”, “ir” e “poder”).

5.1.4 Tipo de predicado complexo

Na tabela 9, apresentamos os dados divididos, em quantidade, por tipo de construção.

Entre subida e não-subida, os dados apresentam uma quantidade de 42 casos de reestruturação e 15 de união de orações.

Tabela 9 – Distribuição de predicados de reestruturação e união de orações na subida e não-subida de clíticos

	REESTRUTURAÇÃO	UNIÃO DE ORAÇÕES
SUBIDA	32 80%	09 75%
NÃO-SUBIDA	08 20%	03 25%
TOTAL	42 (77%)	15(23%)

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A tabela 9 revela que a frequência de predicados complexos que contemplam união de orações é menor mas a proporção de subida e não subida possuem a mesma tendência, logo, o tipo de predicado não árece interferir

5.2 Observações Gerais

- De um modo geral, os dados de subida observados reportam-se constantemente à questão da profecia/promessa da vida futura, algumas vezes marcadas sintaticamente com as formas de futuro “se hão de [verbo no infinitivo]...”. Hipotetizamos que há as construções com

o futuro composto com auxiliar haver sugere formação de grupos clíticos, ou seja, uma colocação embasada em acento.

- Do ponto de vista teológico, o futuro está relacionado com a escatologia. De acordo com o dicionário Houaiss²⁶, escatologia vem do grego *escato-* (gr. *éskhatos*, é, on 'extremo, último') + *-logia*, e pode ser conceituada como a doutrina das coisas que devem acontecer no fim do mundo e do destino final do homem, podendo se apresentar em forma de discurso profético ou em contexto apocalíptico.

- A temática do futuro é uma temática muito cara para Vieira, e uma das possibilidades de exploração do tema está, justamente, no âmbito religioso, considerando-se que uma das dimensões da religião é justamente a escatológica, talvez uma das mais elementares dela. De um ponto de vista antropológico, há em diversas religiões, de um modo geral, uma busca, não só pelo transcendente e por uma espiritualidade de vida voltada para o cultivo desse sagrado, mas também pelo sentido do mundo e da humanidade; para o que vai acontecer com o homem depois da sua morte. Há um mistério em torno da morte que provoca o ser humano, que o faz, inclusive com base no discurso religioso, assumir uma determinada postura de vida, que lhe assegure uma condição favorável diante da realidade da morte.

- Vieira utiliza-se, conscientemente, do “peso” da escatologia para engendrar o seu discurso. Somado a isso, como se pode perceber nos “Sermões”, havia uma especulação geral sobre a data do fim do mundo e dos sinais que deveriam acontecer. Como aponta Vieira no texto, algumas contas traziam, fundamentadas em profecias, que o mundo duraria seis mil anos, outras, que duraria dois mil trezentos e cinquenta anos. Um exemplo é a conta feita pelo cardeal Cuzano, filósofo e teólogo em um tratado sobre a data exata do fim do mundo. Pelas contas de Vieira, da data em que o sermão estava sendo pregado até o prazo para o fim do mundo, que deveria ser no ano de 1.700, faltavam 49 anos. Vieira faz uma menção a essa conta do cardeal no Sermão da Primeira domingo do Advento I.

Segundo esta conta, muitos dos que hoje são vivos, **se podem achar**²⁷ presentes a toda a tragédia do dia do Juízo, e vêr os horrendos sinais que hão-de preceder (VIEIRA, 66). (i)

²⁶ HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

²⁷ Em negrito, destacamos um dado subido com próclise ao modal “poder”, em contexto de variação ênclise/próclise, pois trata-se de uma oração principal, introduzida pois dois adjuntos.

- A leitura bíblica que motivou o sermão, extraída do evangelho de Lucas, capítulo 21, fala da destruição do Templo de Jerusalém, que aconteceu no ano 70, quando Israel estava sob o domínio dos romanos, com o imperador Tito. Segundo alguns biblistas²⁸, o evangelho de Lucas foi escrito entre os anos de 75-100, o que mostra que a destruição do Templo foi narrada pelo evangelista depois de acontecida. Entretanto, Segundo Lucas, teria sido prenunciada por Cristo. O texto utilizado por Vieira para elaborar o Sermão da Primeira domingo do Advento narra que Jesus olhou para o Templo e, ao ver pessoas enfeitando-o com pedras bonitas e coisas dadas em promessa, disse: “Vocês estão admirando essas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra. Tudo será destruído”²⁹. Mais adiante (versículo 11), como narra o evangelista, Jesus continua: “Haverá grandes terremotos, fome e pestes em vários lugares. Vão acontecer coisas pavorosas e grandes sinais vindos do céu”. E, por fim, ainda conforme a narração de Lucas (versículos 25-27), Jesus disse: “Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. E, na terra, as nações cairão no desespero, apavoradas com o barulho do mar e das ondas. Os homens desmaiarão de medo e ansiedade, pelo que vai acontecer ao universo, porque os poderes do espaço ficarão abalados. Então eles verão o Filho do Homem vindo sobre uma nuvem, com poder e grande glória”.

- O tempo litúrgico do advento, dentro do âmbito religioso, católico, tem, por natureza, um “tom” profético e escatológico. As leituras propostas na celebração da liturgia são as dos profetas, sobretudo a do profeta Isaías, o profeta que mais falou sobre a vinda do Messias, que, na tradição judaica, seria o enviado por Deus para estabelecer uma nova ordem social, um mundo de justiça, paz e liberdade; e, na tradição cristã, está ligado à figura de Jesus Cristo.

- Todos os sermões do CTB são do Advento. A liturgia da igreja católica propõe quatro domingos do advento (a terminologia antiga utilizava, opcionalmente, a palavra no feminino, “dominga”). No corpus, há sermões para os três primeiros domingos.

- Os sermões da 1ª domingo do advento falam mais diretamente do juízo final. São os sermões em que mais ocorrem os casos de subida de clítico. E sempre remetem ao contraste: juízo de Deus *versus* juízo dos homens.

- Os sermões da 3ª domingo falam da identidade do profeta João Batista, o último profeta e o único que teria conhecido o messias esperado, e, mais uma vez, a questão da profecia é marcante. Em parte dos exemplos de subida, dentro dos sermões da Terceira domingo, aparece

²⁸ Como: Conzelman, H. **El centro del tiempo**. La Teología de Lucas. Madrid: Ed. Fax, 1974.

²⁹ Evangelho de Lucas, capítulo 21, versículos 5 a 6 (Bíblia de Jerusalém).

a referência a outros profetas bíblicos, como em (ii), por exemplo, em que cita o profeta Micheas.

- Os dados da subida de clítico estão concentrados na 1^a e na 3^a domingo. Na 2^a domingo, não se encontram dados

Ainda que sejam mais os que dizem uma coisa, nem por isso **se hão-de ter**³⁰ por profetas (VIEIRA, 191). (ii)

Vieira refere-se ao fato de os profetas não deverem ser conhecidos pelo número dos que dizem uma coisa, mas pelo peso do que dizem. E cita o exemplo da profecia de Micheas ao rei Acab, que obteve sucesso no que disse, embora não tenha sido acatado, mas preterido por conta do número de profetas que se posicionou contrariamente a ele; ou seja, quatrocentos profetas.

5.3 A subida e a não-subida de clítico nos sermões

5.3.1 A subida

A pesquisa, a partir dos *Sermões*, dos dados de Subida de Clítico, apresentou, por vezes, questões bastante curiosas sobre a configuração sintática e discursiva do texto representativo do Português Clássico e, inevitavelmente, de modo específico, da representatividade da língua na escrita dos Sermões do Padre Vieira.

Em síntese, não há dados novos de subida de clítico nos sermões de Vieira, em relação ao que já foi pesquisado por autores como Andrade (2010), que investigou o fenômeno da subida de clítico no português. O que fizemos foi lançar um olhar pontual sob um recorte e uma relação específica para o fenômeno da subida de clítico, contemplando a questão da colocação dos clíticos em face da posição, do contexto sintático e dos conteúdos informacionais/discursivos, seguindo o modelo de análise de Galves (2003), que relaciona a posição enclítica ou proclítica do clítico, em contextos de variação próclise e ênclise com a instanciação do tópico contrastivo.

É importante ressaltar ainda que, quando aqui se fala dessa instanciação do tópico contrastivo, está sendo feita uma relação com o preenchimento da posição de contraste, a que, em trabalhos recentes, Galves se refere como sendo o “elemento contrastável”.

³⁰Em negrito, destacamos um dado subida com próclise ao auxiliar temporal “haver”.

Em seu texto relacionado às línguas V2 relaxadas, Galves (no prelo), ao falar sobre a estrutura da periferia esquerda da sentença, discute que a categoria CP é composta de duas partes, com propriedades diferentes.

A autora inicia a discussão, apresentando a proposta de Benincà (1995) que, por sua vez, argumenta que a posição do clítico, proclítica ou enclítica ao verbo, não se deve à restrição prosódica imposta pela lei Tobler-Mussafia, mas que é dependente do fato de o sintagma pré-verbal estar dentro ou fora do CP, numa posição de tópico.

Essa análise, segundo Galves, não está mais disponível para a divisão da estrutura do CP proposta por Rizzi, uma vez que agora TOP faz parte do CP expandido. Isso implica em que a próclise e a ênclise indicam, portanto, a divisão do CP expandido em duas partes.

Em alguns outros trabalhos citados por Galves, como, por exemplo, Torres Moraes (1995), Paixão-de-Sousa (2004), Galves Britto e Paixão-de-Sousa (2005), Galves e Sândalo (2012), Galves e Paixão-de-Sousa (2017), discute-se que no PCI, bem como em algumas línguas estudadas por Benincà, quando o verbo não está posição inicial absoluta, condição em que os clíticos são obrigatoriamente enclíticos, e ainda, quando o verbo não é imediatamente precedido por um constituinte atrator de próclise, como advérbios, elementos focalizadores, negação sentencial, há variação entre próclise e ênclise.

Já em relação ao que se discute em Galves e Sândalo (2012), é pontuado que o posicionamento do clítico no PCI é, de fato, motivada pela Tobler Mussafia. O fato de um pronome clítico não poder aparecer no início de uma sintagma entoacional (IntP), incorre em que a ênclise pode ser considerada uma construção marcada, enquanto a próclise é o *default*, o posicionamento padrão, conforme destaca a Galves.

Galves propõe uma interpretação diferente para os objetos pré-verbais, uma vez que considera não poder caracterizar a posição que ocupam em termos de foco ou tópico. Para tanto, a autora busca identificar uma característica comum que seja compartilhada pelos objetos fronteados não quantificados; e, lançando mão de autores como Vallduví e Vikuna (1998), que falam de um conjunto de elementos que são gerados e ficam disponíveis para uma computação semântica; e ainda Mólnar (2001), que considera que o contraste deve ser incluído entre as categorias pragmáticas, Galves apresenta o que ela chama de possível candidato, que é a característica semântica do contraste, para encabeçar esse CP expandido, e que seria KontrastP (kP). Essa camada ocupada por objetos fronteados, portanto, instanciará e seria associada a traços de contraste. Desse modo, o CP teria duas categorias potenciais em atrair o verbo para a periferia esquerda: k, que é subespecificada para tópico ou foco e a outra que atrai sintagmas

quantificados, que foi chamado de FOC. É nesses termos que Galves caracteriza o PCI como língua V2 relaxada.

Olhando para os dados dos *Sermões* e considerando a associação, não necessária, mas existente entre a subida e a próclise, observamos a hipótese V2. De fato, os constituintes que estão à frente do verbo não são necessariamente o sujeito, mas diversos outros constituintes. Foi observado ainda que a subida apresenta mais uma periferia esquerda preenchida, enquanto que a não-subida tende a apresentar uma periferia esquerda não-preenchida.

Dentre os constituintes que estão à frente do verbo, na subida, encontramos:

A) O objeto direto fronteado:

A questão do dia do Juízo, e fim do mundo, **póde-se excitar** de dois modos e em dois sentidos: ou mais largamente quanto aos annos, ou mais estreita e determinadamente quanto ao dia (VIEIRA, 64³¹). (1)

A sentença acima, que apresenta um complexo modal, com os verbos ‘poder’ e ‘excitar’, com o clítico ‘se’ enclítico ao verbo finito em oração principal introduzida por objeto fronteado não retomado, contexto de variação V-cl/cl-V, foi extraída do Sermão da Primeira Dominga do Advento I que, como apontado anteriormente, junto com o Sermão da Primeira Dominga do Advento II, falam mais diretamente do juízo final e do fim do mundo. São os sermões em que mais ocorrem os casos de subida de clítico. E sempre remetem ao contraste: juízo de Deus *versus* juízo dos homens.

Esse dado está dentro do contexto do início da segunda parte do sermão. Vieira apresenta como será o dia do juízo, elencando como os contrastes nos dois juízos:

Primeiramente, o juízo dos homens é mais temeroso que o Juízo de Deus, porque Deus julga com entendimento, os homens julgam com a vontade. Quando entre o entendimento de Deus e a vontade dos homens não houvera aquella infinita distancia bastava só a diferença que há entre vontade e entendimento que ha entre vontade e entendimento, para ser grande a desigualdade d'estes juisos . Quem julga com o entendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal; quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A razão é muito clara. Porque quem julga com o entendimento, se entende mal,

³¹ A numeração que aparece junto ao nome de Vieira corresponde à numeração da divisão das partes do texto dos Sermões que aparece no Corpus Tycho Brahe e que corresponde à numeração de página da edição utilizada no CTB, a saber: VIEIRA, A. **Sermões**. Prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Livraria Chardron - Lello & Irmão Editores, 1907. Tal numeração, portanto, foi colocada na referência do dado apenas para identificar a parte do texto em que o dado aparece nos Sermões.

julga mal, se entende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre joga mal: se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos. No Juiso divino não é assim; julga só o entendimento, e tal entendimento (150).

E continua o Padre, nessa primeira parte do sermão, elaborando contrapontos:

- (a) A quarta consideração de ser mais temeroso o juiso dos homens que o Juiso de Deus, é porque Deus julga o que conhece, os homens julgam o que não conhecem. (158)
- (b) ... Deus julga os pensamentos, mas conhece-os, o homem não póde conhecer pensamentos, e julga-os (159)
- (c)... Deus julga e condemna por pensamentos, os homens julgam e condemnam pelo que nunca passou pelo pensamento. (160)
- (d) ... Deus julga no fim, e os homens não. (164)
- (e) ...Deus julga como Juiz; os homens julgam como judicarios ; entre o juiz e o judicario ha esta differença, que o juiz suppõe o caso, o judicario adivinha-o. Quantos vêmos hoje julgados e condemnados por adivinhação, não pelo que fizeram, senão pelo que se adivinha que haverão de fazer! (169)
- (f) Deus julga a cada um pelo que é, os homens julgam a cada um pelo que são. (170)
- (g) Deus julga-nos a nós por nós; os homens julgam-nos a nós por si. (170)

B) Conjunção coordenativa, oração subordinada adjunta e negação sentencial:

O dado a seguir (2) está em uma oração matriz introduzida por uma conjunção coordenativa e uma oração adjunta em um contexto de negação sentencial. Como se espera, neste contexto, o “não” atrai o clítico e o resultado é a subida do clítico em posição proclítica ao verbo finito, sem interpolar a negação³². Nesse contexto discursivo não há contraste ou conteúdo informacional forte na periferia esquerda do dado, mas há a negação.

e se eu lhe pedira o commento, **não o pudéra escrever** com mais ajustadas palavras: [: Quia quod in die judicii futurum est omnibus, singulis in die mortis completur.] (VIEIRA, 70-71) (2)

Ainda em se tratando do contexto do sermão da primeira domingo I, Vieira refere-se ao comentário (*commento*) do sacerdote católico são Jerônimo (a quem se refere o clítico ‘lhe’),

³² De acordo com Namiuti (2008), no Português Clássico, a negação, e somente ela, pode ser interpolada em orações matrizes XV, em que X não é um atrator de próclise e não está marcado por partículas de foco.

que traduziu a bíblia para o latim (tradução conhecida como *vulgata*). Vieira utiliza o comentário de São Jerônimo ao livro do profeta Joel, cuja mensagem central é o julgamento de Deus, numa perspectiva escatológica.

C) Sintagma adjetival com função de adjunto:

Orações introduzidas por advérbios ou expressões que finalizam um discurso a exemplo de “então” que, possui uma carga semântica de conclusão/fechamento, assim, como “finalmente”, “mas” e “logo” formam contexto em que a subida de clítico foi atestada.

Os dados (3) e (4) apresentam essa configuração discursiva, com o complexo temporal. Em (3), “Então” é seguido do auxiliar haver com ênclise, preposição e verbo não-finito.

Em (4), “Logo” é seguido de adjunto, com o clítico “se” proclítico ao auxiliar “haver”, preposição e verbo não finito. Em (3) temos ênclise com apenas um constituinte pré-verbal. Em (4), a próclise é antecedida por dois constituintes pré-verbais, sendo a quantidade de constituintes a única diferença contextual. Em sentenças com mais de um constituinte pré-verbal, a probabilidade de haver ênclise no Português Clássico é menor. Como discutem Paixão-de-Sousa (2004) e ainda Galves, Namiuti e Paixão-de-Sousa (2006), o constituinte pré-verbal no Português Clássico pode estar dentro da fronteira oracional ou fora dela. Estando dentro da oração, tem-se um verbo em segunda posição na estrutura profunda (V2 estrutural) e também verbo em segunda posição na estrutura superficial (V2 superficial). Estando fora da oração, tem-se V2 superficial e V1 estrutural. Quando se tem mais de um constituinte antecedendo o verbo, como em (4), um deles pode estar fora da estrutura oracional, nesse caso tem-se V3 superficial e V2 estrutural.

No caso de (3), por exemplo, é provável que haja V2 superficial e V1 estrutural, e de (4), que haja V3 superficial e V2 estrutural. A proposta apresentada pelas autoras, pode explicar, a nosso ver, a ênclise de (3) e a próclise de (4), dentro de um contexto de constituintes pré-verbais de natureza semelhante.

Então **hãõ se de examinar** as obras (VIEIRA, 71). (3)

Logo n'este sentido **se hãõ-de entender** as Escripturas, tantas e tão expressas, as quaes todas dizem que vem Christo ao Juiso particular (VIEIRA, 81). (4)

As sentenças (3) e (4) estão dentro do contexto do Sermão da Primeira Domingo do Advento I. (3) refere-se ao cumprimento da profecia no dia da morte, em que será avaliado tudo o que se fez em vida e (4) refere-se ao fato de que alguns pensadores defendiam que o Cristo

não viria, em pessoa, no julgamento final. Outros defendiam que, conforme está nas escrituras, o próprio Cristo virá. Vieira defende que as Escrituras devem ser entendidas de modo incontestável.

D) Sujeito quantificado por quantificador universal:

Em (5), sentença que está no sermão da Primeira Domingo do Advento II, observa-se a subida no contexto de uma oração subordinada, com o clítico “se” proclítico ao auxiliar temporal “haver”. Este é um caso de ordem SV, em que o sujeito, o quantificador universal “todos”, que foi introduzindo pela conjunção adversativa “mas”, aparece antes do verbo. Trata-se de uma ordem que não foi comumente atestada no PCI

Porque a estatua, na dureza dos metaes de que era composta, e no mesmo nome de estatua, parece que representava estabilidade e firmeza: e porque nenhum d'aquelles imperios havia de perseverar firme e estavel, mas todos **se haviam de mudar** successivamente, e ir passando de umas nações a outras; por isso [os tornou a representar] na variedade das carroças, na inconstancia das rodas, e na carreira e velocidade dos cavalos (VIEIRA, 105). (5)

Esse dado está relacionado com o evangelho cuja explicação Vieira está apresentando, o final do evangelho de Lucas. A mensagem central é: “tudo passará, exceto a Palavra de Deus”. Vieira exemplifica com as profecias relacionadas à queda dos quatro impérios ou monarquias do mundo: o império caldeu, o persa, o grego e o maior deles, o romano. O padre diz que todos esses impérios passaram. Os impérios do mundo foram representados ao rei Nabucodonosor como uma estátua de quatro metais; ao profeta Zacarias como quatro carroças de cavalos de diferentes cores e ao profeta Daniel como quatro ventos principais que travavam uma batalha no mar.

O dado (6) traz uma configuração sintática diferente em relação aos demais casos de subida. O sujeito, o quantificador universal “todos”, se encontra no interior do complexo verbal, estando o clítico “O” (que se refere aos jogos seculares) proclítico ao auxiliar temporal “ir”. Nesse dado, é possível observar ainda dois constituintes pré-verbais: a conjunção coordenativa “e” e o sintagma adverbial com função de adjunto.

E com este desengano da vida passada e desesperação da futura, **os iam todos vêr** (VIEIRA, 108). (6)

E) Sujeito nominal:

Já dentro do contexto do sermão da Terceira domingo do Advento I, aparece o dado (7), cuja sentença possui um complexo formado composto de grupo verbal diferente de auxiliar, envolvendo os verbos “deixar” e “tratar”, com próclise ao auxiliar:

e eles **se deixaram tratar** em tudo como homens, aceitando a sua meza e os outros agasalhos da hospedagem (VIEIRA, 176). (7)

Seguido pela conjunção coordenativa “E”, aparece precedendo o verbo o sujeito nominal “eles”, que se refere aos três anjos que apareceram a Abraão, no vale do Mambré, conforme narrado no livro do Gênesis (Gn, 18)³³

F) Negação sentencial:

O dado (8) ainda dentro do Sermão da Terceira domingo do Advento I, apresenta também a negação atraindo o clítico “O”, no interior do complexo modal:

não **o podia cuidar** com razão, porque elle sabia mui bem que era da tribu de Levi, e que o Messias havia de ser da tribu real de Judá (VIEIRA, 177) (8)

Nessa sentença, Vieira está se referindo à confissão de João Batista de que não era o Messias, quando fora questionado pelos sacerdotes e levitas sobre quem era.

O dado em (9) apresenta também negação, o que atrai o clítico para junto do auxiliar temporal “haver”, em próclise. Como se pode observar, a preposição “de” também aparece ligada por hífen ao auxiliar haver:

não **se hão-de contar** (VIEIRA, 193). (9)

Nessa sentença, faz-se referência aos profetas que, segundo Vieira, não serão contados, mas pesados, pois, na Escritura, as profecias são chamadas de peso.

(G) Oração subordinada adjunta e sintagma preposicionado:

³³ BÍBLIA Sagrada. Livro do Gênesis, capítulo 18. Edição Bíblia de Jerusalém, 2002.

O dado (10), apresenta próclise ao auxiliar modal “poder”.

Se os lobos não fossem tão sagazes em despintar a pelle, com os olhos **se pudéra provar** hoje o cumprimento d'esta profecia (VIEIRA, 179-180). (10)

Nessa sentença, pode-se observar, mais uma vez, a presença de profecia, esta, especificamente, relacionada à vinda de Cristo. Vieira fala da profecia de Isaías, segundo a qual, quando o Messias viesse, se veria os animais comerem juntos: o lobo com o cordeiro; o leão e o boi (Isaías 65,23).

O dado seguinte (11), apresenta-se, também, (pensando-se no contexto da sentença completa) dentro de um contexto de contraste e é antecedido por sintagma preposicionado e advérbio:

n'esta vida já **nol-as começa a pagar** com a segurança d'ella (VIEIRA, 200). (11)

Nessa sentença (11), os dois clíticos da relação ‘pagar a alguém (“nos”), alguma coisa (“as”)', remete-nos, conforme Vieira, ao pagamento que Deus fará aos homens (“nos”), pelas boas obras (“as”), com a segurança da glória.

Olhando para um contexto maior, o da sentença completa, podemos observar um contraste entre “na outra vida” e “nesta vida”. [Na outra vida ha-de-nos pagar Deus as boas obras com a posse da gloria; *n'esta vida já nol-as começa a pagar com a segurança d'ella*].

Esse é o final do sermão da Terceira domingo do Advento I, que apresenta um forte apelo para uma mudança de vida. Vieira diz que Deus começa a nos pagar (a nós, homens) a prática de boas obras ainda nesta vida com a segurança de que está garantida a “glória”, como prêmio definitivo, na outra vida.

Existe um conceito teológico, dentro da temática da Escatologia, sobre o ‘Reino de Deus’, bastante conhecido por Vieira: o de que o reino de Deus é o “Já e o ainda não”; isto é, que o reino de Deus ainda não é realidade, mas que, ao mesmo tempo, já é realidade. Esse raciocínio está fundamentado na ideia de que o reino de Deus é algo do futuro, do ‘ainda não’, do advento da ‘outra vida’, como expressa Vieira, mas é construído e pode ser experimentado pelo cristãos, já, no tempo presente, “nesta vida”, a partir da prática do bem, e do cultivo dos valores humanos e cristãos.

Portanto, vale observar que a subida é “preparada” discursivamente, no âmbito da oração matriz, com a oposição vida futura (“ainda não”) / vida presente (“já”). Além do contexto

discursivo marcado pela oposição, o advérbio ‘já’ é considerado um proclisador, o que explica a ordem proclítica na oração matriz, com a subida dos clíticos no exemplo (11).

Em (12), já dentro do Sermão da Terceira domingo do Advento II, observa-se o clítico “lhe” proclítico ao auxiliar “querer” antecedido por adjunto adverbial e conjunção “e”.

e, primeiro com a morte, e depois com a venda, **lhe quiseram impedir** a preeminencia sonhada (VIEIRA, 210). (12)

Na sentença, o pronome *lhe* faz referência a José do Egito, a quem Deus revelara em sonho que os seus irmãos o haviam de adorar. Segundo o livro do Gênesis, com medo de que o sonho de José se cumprisse, seus irmãos planejam, primeiro matá-lo; em seguida, arrependidos, decidem vender o irmão para ser feito de escravo (Gn, 37).

Trata-se de um dado de subida em um contexto de variação próclise / ênclise, oração matriz introduzida por conjunção coordenativa “e” e constituinte adjunto. A ordem atestada foi a próclise e não há na sentença qualquer mecanismo discursivo de oposição/contraste.

Galves (2003) constata que nos contextos de variação, quando há oposição e contraste, a ordem comumente atestada nos sermões é a da ênclise, o que sugere ser esta uma ordem marcada pelo discurso. Nesse sentido, o dado (12), não invalida sua hipótese, pelo contrário, corrobora, uma vez que a próclise é a ordem não marcada e o dado está num contexto discursivamente neutro.

5.3.2 A não-subida

Para a seleção dos dados de não-subida, a formulação para o comando de busca (script) foi feita seguindo o mesmo roteiro de estrutura da subida, isto é, pensando-se no contexto de variação subida/não-subida.

O que se observa nos dados de não-subida, em termos de ordem de constituintes é que, em alguns casos, como se pode observar em (13) e (14), não há constituinte pré-verbal.

[continuar a descrição para os demais casos]

Em (13), observa-se contexto de ênclise ao verbo não-finito.

Costumam as Letras seguir-se as Armas, porque tudo leva após si o maior poder (VIEIRA, 107). (13)

Caso a subida fosse marcada, ao invés da não-subida, teríamos um contexto de ênclise obrigatória: *Costumam-se as letras seguir as armas*. Há a quebra de contiguidade no complexo verbal, com o sujeito entre o verbo finito e não finito.

Não há foco contrastivo na sentença. O contexto discursivo é de uma reflexão feita por Vieira sobre o fato de, segundo as leituras do tempo do advento, neste mundo tudo passa. O Padre reflete que, primeiro passam os ídolos; depois as guerras (Armas); e em seguida às Armas, passam as Letras (citando grandes autores da Literatura).

Também em (14), em caso de marcação com subida teríamos um caso de ênclise obrigatórias, no entanto, na marcação da não-subida, a opção feita foi a de próclise ao verbo não finito.

Prometti de vos dizer com certeza quando ha-de ser o dia do Juiso (VIEIRA, 67). (14)

Aqui Vieira apenas recupera a memória do que dissera aos seus ouvintes no início do sermão, sobre dizer quando seria o dia do juízo.

Em (15) e (16) temos dado de não subida em contextos de variação com próclise.

Repetiu o Evangelista tres vezes a mesma affirmação (dizem os Doutores) porque lhe pareceu que fôra tão grande coisa confessar o Baptista que não era o Messias, que se o dissera menos vezes, nem elle se acabára de explicar, nem nós **acabaremos de o crêr** (VIEIRA, 177).

(15)

e deixarão de **o ir buscar** aos desertos, onde o não há (VIEIRA, 184). (16)

As sentenças em (15) e (16) são comentários de Vieira à narração do evangelista João, respectivamente, à ênfase que deu à confissão de João Batista de que não era o Messias; e ao fato de os sacerdotes e levitas terem ido buscar o Messias no deserto, onde não estava, e quem estaria seria João Batista.

Já em (17), sentença extraída da 3ª dominga do advento II, temos uma pergunta sobre o inferno em comparação com o céu, em contexto de variação com ênclise do clítico “se”, dentro de um complexo temporal com o verbo “haver”.

O zelo, uma virtude tanto do céu, **ha-de comparar-se** ao inferno? (VIEIRA, 188) (17)

A forma como aparece no texto dos sermões, como mencionado nas observações gerais, o verbo haver + a preposição “de”, parece ser uma forma cristalizada no interior do complexo temporal. Mas também é uma ortografia que pode indicar / sugerir uma ênclise ao verbo haver, o que poderia ser interpretado como subida se, na estrutura do Português Clássico, a preposição também fosse capaz de se cliticizar morfossintaticamente ao verbo auxiliar. Nesse caso, a preposição teria que funcionar como uma espécie de afixo ou clítico.

A sentença foi extraída do Sermão da Terceira Domingo do Advento I, parte V, quando trata da virtude do zelo, atribuída ao profeta Elias, a quem João Batista é identificado. Todo o discurso de Vieira se volta para o zelo, a partir da citação bíblica de Salmo 69, versículo 9 (“O zelo por tua casa me consome”). A estrutura da sentença traz o sujeito “o zelo”, seguido do adjunto.

Também a estrutura em (18) apresenta um complexo temporal com “haver”, com a preposição “de” também ligada por hífen a esse auxiliar. Conforme a metodologia de busca, (18) foi retornado como dado de não-subida, pelo fato de o clítico “se” encontrar-se no domínio do verbo não finito tendo a preposição como marcadora da fronteira entre os domínios finito e não finito.

Os prophetas **hã-de-se pezar** (VIEIRA, 193). (18)

Dentro do contexto em que aparece essa sentença no texto dos sermões, há um contraste relacionado ao sujeito “Os prophetas”. A continuação do dado [não se hã-de contar] aparece discutida em (10), como um dado de subida, com próclise ao auxiliar, atraída pela negação. [Os prophetas hã-de-se pezar, não se hã-de contar].

Nessa sentença, como mencionado em comentário a (10), faz-se referência aos profetas que, segundo Vieira, não serão contados, mas pesados, pois, na Escritura, as profecias são chamadas de peso.

Já em (19) e (20), temos dois dados em contexto de variação com ênclise. Em (19) Vieira fala sobre o advento do juízo final a partir do livro bíblico “Carta de São Tiago”, e depois do pensamento do teólogo Padre Soares, que também falaram sobre o advento do juízo final.

Alguns dados de não subida atestam o sujeito expresso, ora pós-verbal em relação ao verbo finito (interpolado entre os verbos finito e não finito) ora antecedendo o verbo finito.

Sobre o modo d'este Advento, ou d'esta vinda, teem para si graves auctores, e entre elles o padre Soares, que **vem Christo julgar-nos** na hora da morte, não por presença e assistencia real de sua propria Pessoa, como ha-de ser no Juiso Universal; mas só por modo

intellectual, em fôrma que intenda claramente o que morre, que está julgado e julgado por Christo (VIEIRA, 80). (19)

Nem o Baptista podia enganar, nem **Christo podia enganar-se**: (VIEIRA, 197) (20)

QUADRO SÍNTESE

Para uma visualização da linearidade em que aparecem os constituintes, foi elaborado o quadro a seguir, em que, a partir da posição fixa dos verbos finito (Pvf) e não-finito (Pvnf), pode-se observar as possibilidades de constituintes pré-verbais e pós-verbais, sendo prevista a possibilidade de até três constituintes pré-verbais e dois pós-verbais. Em alguns casos, aparece mais constituintes do que foi previsto inicialmente na elaboração do quadro, mas, como são exceções, foi feita a opção de apenas agrupar esses constituintes, utilizando-se uma barra dupla (//) para demarcação, e manter a linearidade. A lista com os dados e o respectivo código dos *Sermões* aparece no Apêndice A. Neste quadro, utilizamos o código como referência. Também no apêndice B, aparece o quadro com a classificação dos fatores e a ordem de constituintes esperada, com o respectivo significado das abreviaturas utilizadas na para a anotação dos dados apresentada no quadro síntese.

Quadro 3 – Síntese

(continua)

código sermão	P-pre-vf-3	P-pre-vf-2	P-pre-vf-1	Pvf	P-pos-vf	P-pre-vnf	Pvnf	P-pos-vnf-1	P-pos-vnf-2
SUBIDA									
64	/	/	OD	vf	Cl	/	vnf	PP	/
67	/	neg	cl	vf	/	/	vnf	Outro: AdjP/ small clause	/
71a	Conj	or	neg // cl	vf	/	/	vnf	pp	outro: exp. em latim
71b	/	/	advp	vf	Cl	Prep.	vnf	suj	/
71c	/	/	advp	vf	Cl	Prep.	vnf	suj	/
78a	/	advp	pp	vf	Cl	Prep.	vnf	suj - DP	Pp
78b	Conj	pp	cl	vf	prep	/	vnf	advp	suj-DP
81	Advp	pp	cl	vf	prep	/	vnf	suj - DP	Adjp

(continuação)

código sermão	P-pre-vf-3	P-pre-vf-2	P-pre-vf-1	Pvf	P-pos-vf	P-pre-vnf	Pvnf	P-pos-vnf-1	P-pos-vnf-2
SUBIDA									

94	Conj	advp	cl	vf	/	/	vnf	suj-Q	Pp
105	Conj	suj-Q	cl	vf	/	prep	vnf	advp	Pp
108	Conj	advp	cl	vf	suj-Q	/	vnf	/	/
176	Conj	suj-D	cl	vf	/	/	vnf	pp	Or
177	/	neg	cl	vf	/	/	vnf	pp	/
180	Or	pp	cl	vf	/	/	vnf	advp	suj-DP
193	/	neg	cl	vf	prep	/	vnf	/	/
200	Pp	advp	cl // cl	vf	/	prep	vnf	pp	/
204	/	/	/	vf	cl	/	vnf	pp	/
210	Conj	advp	cl	vf	/	/	vnf	OD	/
66	Pp	Suj-Q	cl	vf	/	/	vnf	adjp	Pp
78	/	suj - D	advp	vf	cl	prep	vnf	pp	/
86a	Or	advp	cl	vf	/	/	vnf	adjp	outro: expressão em latim
86b	Advp	Suj-Q	cl	vf	/	/	vnf	AdjP	/
90	/	advp	cl	vf	prep	/	vnf	advp	/
109	Conj	Suj-D // advp	cl	vf	/	/	vnf	OD	/
177	suj-D	conj	cl	vf	/	/	vnf	pp	/
184	/	suj-D	cl	vf	/	/	vnf	pp	Adjp
191a	Advp	conj//pp //outro	cl	vf	prep	/	vnf	pp	/
193	conj // suj-DP	neg	cl	vf	prep	/	vnf	pp	/
206	Suj-DP	Suj-DP/ expressão em latim	or	vf	cl	/	vnf	pp	/
208	Or	advp	cl	vf	/	/	vnf	pp	Or
199	/	/	pp	vf	cl	/	vnf	/	/
214	/	advp	/	vf	cl	/	vnf	advp	Pp
65	conj//or	advp	cl	vf	prep	/	vnf	adjp	Pp
90	conj//or// advp	neg	cl	vf	/	/	vnf	conj	/
199	Conj	advp // neg	cl	vf	/	/	vnf	suj-DP	Pp
77	conj //	neg	cl	vf	/	/	vnf	suj-DP	Advp
185	/	/	or	vf	cl	/	vnf	suj-DP	Advp
194a	Suj-D	neg	cl	vf	/	/	vnf	pp	/
194b	Conj		cl	vf	/	/	vnf	suj-D	/
202c	advp//or	pp	cl	vf	/	/	vnf	or	/
202d	Advp	suj-D	cl	vf	/	/	vnf	advp	/
207	conj/advp	suj-D	cl	vf	/	/	vnf	conj	/

(conclusão)

código sermão	P-pre-vf-3	P-pre-vf-2	P-pre-vf-1	Pvf	P-pos-vf	P-pre-vnf	Pvnf	P-pos-vnf-1	P-pos-vnf-2
NÃO-SUBIDA									

107	/	/	/	vf	subj-D	/	vnf	cl	OD
202	/	/	/	vf	subj-D	/	vnf	cl	PP
67	/	/	/	vf	prep	cl	vnf	pp	Or
177	/	conj	Suj-D	vf	prep	cl	vnf	/	/
184	/	/	conj	vf	prep	cl	vnf	pp	/
188	/	Suj-D	Apost-DP	vf	prep	/	vnf	cl	Pp
193	/	/	subj-DP	vf	prep	cl	vnf	/	/
199	/	conj	or	vf	prep	cl	vnf	Suj-D	PP
200	/	/	pp	vf	prep	cl	vnf	Suj-D	OD
197	/	conj	Suj-D	vf	/	/	vnf	cl	/

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que torna interessante o estudo dos clíticos é o fato de eles serem uma categoria que depende de outra, ou seja, de interfaces. Assim sendo, para explicar seu comportamento sintático, ou seja sua posição (alçada para núcleos mais altos, ou seja, subida do clítico, ou não alçada, permanecendo em núcleos mais baixos, não subida) e ordem/colocação em ênclise ou em próclise, lidamos com questões de ordem, portanto, de sintaxe, de relação com outros níveis da gramática, como o discurso (conteúdo informacional) e a Fonologia (Prosódia).

Com este trabalho, fizemos um estudo descritivo, no qual investigamos os fatores que se relacionam e/ou favorecem a ocorrência da subida de clíticos nos Sermões do Padre António Vieira, partindo da seguinte problemática: existe alguma relação entre o estilo do texto e as preferências pela subida ou não subida do clítico em predicados complexos? Qual o papel da estrutura informacional para a colocação do pronome?

Apresentamos o contexto discursivo dos Sermões, trazendo evidências que corroboram o raciocínio e a proposta de Galves (2003) sobre a relação sintaxe e estilo para explicar a alta frequência de ênclise em um período em que a próclise era predominante nos textos.

Conforme pudemos observar, a temática do texto e o conteúdo informacional da sentença parece ser relevante para a colocação pronominal, sendo o fenômeno da subida de clítico sensível ao conteúdo informacional da sentença e por conseguinte a fatores discursivos. Assim, consideramos que o estilo eloquente da obra de Padre Vieira, marcada pela oratória barroca, favorece certas estruturas e justifica as frequências.

A análise dos dados dos *Sermões* possibilitou um olhar para a configuração sintática e a discursiva do Português Clássico e, inevitavelmente, de modo específico, da representatividade da língua na escrita dos Sermões do Padre Vieira. Desse modo, foi possível contemplar a questão da relação entre colocação de clíticos e conteúdos informacionais marcados, seguindo o modelo de análise de Galves (2003), que relaciona a posição enclítica ou próclítica do clítico, em contextos de variação próclise e ênclise com a instanciação de um traço contrastivo. Os resultados nos permitem identificar quatro fatores relevantes para explicar a relação da posição e da colocação dos clíticos em orações matrizes nos sermões: o conteúdo discursivo (presença de agudeza e contraste); contexto de próclise obrigatória; o contexto de ênclise obrigatória, a presença da negação sentencial no domínio finito; o tipo do complexo verbal (auxiliar modal parece favorecer o fenômeno).

Os resultados também apontaram no sentido de confirmar o que é dito por Galves (2003) e o que foi afirmado por Saraiva (1978) quanto ao período literário que ficou conhecido como

Barroco, estilo artístico e literário que foi identificado, dentro da história da literatura, como um estilo que vigorou entre o final do século XVI e meados do XVIII. Esse estilo é marcado por construções com analogias e paradoxos, por uma escrita que prima por construções engenhosas, e puramente verbalísticas, raciocínios feitos com base em um jogo de palavras, permeados de contrastes, elaborados para convencer e fascinar a audiência. É o estilo empregado por Vieira em seus *Sermões*, que também aprendeu com os jesuítas um método de argumentação próprio da Retórica utilizada na escolástica medieval.

O que se atesta, portanto, é o que o estilo de Vieira favorece a uma sintaxe específica do PCI. O alçamento do pronome clítico, em certos contextos sintáticos, para um núcleo do qual não é argumento, e que consiste no fenômeno de subida de clíticos, é favorecido por: (i) contexto de próclise categórica (cf. tabela 4), nesse contexto a subida de clítico em colocação proclítica é categórica; (ii) temática do texto que vai favorecer ou não estruturas sintáticas opositivas (escolha estilística de Vieira), a temática do futuro, da profecia do juízo final apresentou uma frequência maior de subida que a temática da vida de João Batista (cf. tabela 2); (iii) tipo de complexo, o complexo modal é o mais frequente na subida de clíticos (cf. tabela 9)

Destacamos ainda, na relação posição e colocação que nos contextos de variação, apesar da próclise ser dominante na subida, a quantidade de ênclise é maior que a esperada para a época (cf. tabela 3), fato compatível com o que observa Galves (2003) que explica alta frequência de ênclise nos *Sermões*, contrariando o “padrão” proclítico da época pelas construções contrastivas favorecem a estrutura V1 e, por consequência, a ênclise.

Assim defendemos a hipótese de que a colocação do clítico (ênclise/próclise) em face à variação em sua posição (subida/não-subida) em predicados complexos nos *Sermões* do Padre António Vieira relaciona-se ao estilo, isto porque o PCL é caracterizado por uma periferia esquerda forte e portanto a sintaxe será sensível à temática do textos (à agudeza do discurso) que favorece determinadas construções e traços relacionados à força ilocucionária na periferia esquerda da estrutura da oração, tal como o contraste, sendo os fenômenos sintáticos atestados permitidos pela gramática do português clássico e sua frequência regulada pelo estilo.

Assim, concluímos que o estilo de Vieira nos *Sermões* favorece uma prosa que favorece uma determinada estrutura sintática. O olhar para o fenômeno da subida de clíticos nos *Sermões* possibilitou contemplar a hipótese de o português clássico ser uma língua V2 e a perceber, em Vieira, essa língua na relação entre a Sintaxe e o Estilo.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Evangelho de Lucas. São Paulo: Editora Paulus, 2000.

ABAURRE, M. B.; GALVES, C. M. C. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 267-312. (Estudos descritivos, vol IV).

ANDRADE, A. L. **A subida de clíticos em português**: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ANDRADE, A. L. O fronteamento de infinitivos e participios em Português Antigo e a hipótese do fronteamento estilístico. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 58, Núm. Esp., p. 32-60, 2017.

ANDRADE, A. L.; NAMIUTI, C. Gone without the verb: Clitic interpolation and clitic climbing in the history of European Portuguese. **Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)**, Campinas, v. 58, p. 201-219, maio./ago. 2016.

BOECKX, C.; GALLEGO, Á. J. Clitic Climbing by (Long Distance) Agree. In: WORKSHOP ON EXPLANATORY PROPOSALS OF CLITICS UNIVERSITAT POMPEU FABRA, 2008, Barcelona. **Anais [...]**. Barcelona: Linguistic Institute in teh Old World, 2008. Disponível em: http://filcat.uab.cat/clt/membres/professors/gallego/pdf/Boeckx_Gallego_-clitics.pdf. Acesso em: 15 jan. 2018.

BRÉAL, M. **Essai de Sémantique**: science des significations. 3a. ed. França: Hachette, 1924 [1897].

CAVALCANTE, S.; GALVES, C.; PAIXÃO-DE-SOUSA, M. C. Topics, subjects and grammatical change: from Classical to Modern European Portuguese. In: WORKSHOP SUBJECTS IN DIACHRONY: GRAMMATICAL CHANGE AND THE EXPRESSION OF SUBJECTS, 2010, Regensburg. **Anais [...]**. Regensburg, 2010.

CHKLOVSKI, V. A arte como processo. In: TODOROV, T. **Teoria da Literatura-I**. Lisboa: Edições 70, 1999. [1917].

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed morphology and the syntax-morphology interface. In: RAMSCHAND, G.; REISS, C. (eds.). **Oxford Handbook of Linguistic Interfaces**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2006. p. 289–324.

EMBICK, D.; NOYER, R. Movement operations after syntax. **Linguistic Inquiry**, v. 32, n. 4, p. 555–596, 2001.

FREUD, S. O inquietante. In: FREUD, S. **História de uma neurose Infantil: (“O homem dos lobos”)**: além do princípio do prazer e outros textos (1917- 1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. [1919].

GALVES, C. Clitic Placement and Parametric Change in Portuguese. *In*: SALTARELLI, M. (ed.). **Aspects of Romance Linguistics**: Selected papers from the 24th LSRL. Georgetown: University Press, 1996. p. 227-40.

GALVES, C. M. C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. *In*: CASTILHO, A. *et al.* (orgs.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528.

GALVES, C. M. C. **Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística**: Fase I. Projeto de pesquisa FAPESP. Campinas: UNICAMP, 1998. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/prfpml/fase2/98_04.html. Acesso em: 15 jan. 2018.

GALVES, C. M. C. **Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística**: Fase II. Projeto de pesquisa FAPESP. Campinas: UNICAMP, 2004. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/prfpml/fase2/98_04.html. Acesso em: 15 jan. 2018.

GALVES, C. M. C. **Relaxed V-Second in Portuguese**. (No prelo).

GALVES, C. M. C. Syntax and Style in Padre Antonio Vieira. **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. VI, 2003.

GALVES, C. M. C.; BRITTO, H.; PAIXÃO-DE-SOUSA, M. The change in clitic placement from classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**. Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.

GALVES, C. M. C.; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. 2010. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/cor-pus/en/index.html>. Acesso em: 20 fev. 2018.

GALVES, C. M. C.; KROCH, A. Main syntactic changes from a principle-and-parameters view. *In*: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (eds.). **The handbook of Portuguese Linguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016. p. 487–503.

GALVES, C. M. C.; LOBO, T. Ordem dos clíticos. *In*: LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (orgs.). **África à vista**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GALVES, C. M. C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO-DE-SOUSA, M.C. **Novas perspectivas para antigas questões**: revisitando a periodização da língua portuguesa. 2006. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/namiuti/gn-ps_2006.pdf. Acesso em: 10 mar. 2018.

GALVES, C. M. C.; SANDALO, F. From intonational phrase to syntactic phrase: the grammaticalization of enclisis in the history of European Portuguese. **Lingua**, n. 122, p. 952-974, 2012.

GONÇALVES, A. Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu. *In*: COLAÇO, M. *et al.* **Quatro Estudos em Sintaxe do Português**. Lisboa: Edições Colibri, 1996. p. 7-50.

- HANSEN, J. A. Vieira, estilo do céu, xadrez de palavras. **Discurso**, São Paulo, n. 9, p. 173-193, 1978.
- HOLMBERG, A. Verb second. *In*: TIBOR, K.; ARTEMIS, A. (eds.). **Syntax: Theory and Analysis**. Berlin: Walter de Gruyter, 2015. p. 242–283.
- JOUITTEAU, M. A typology of V2 with regard to V1 and second position phenomena: An introduction to the V1/V2 volume. **Lingua**, v. 120, n. 2, p.197-209, 2010.
- KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. **Language Variation and Change**, v. 1, n. 3, p. 199-244, 1989.
- MARTINS, A. M. A posição dos pronomes pessoais clíticos. *In*: RAPOSO, E. P. *et al.* (orgs.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- MARTINS, A. M. **Clíticos na história do português**. Unpublished PhD Dissertation, University of Lisbon, 1994.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed., revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. (Coleção Universitária / Série LINGUÍSTICA).
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; VASCONCELLOS, R. E. **Novo manual de sintaxe**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.
- MUKAROVSKY, J. Standard language and poetic language. *In*: LEVIN, S.; CHATMAN, S. (ed.). **Essays on the language of literature**. Boston: Houghton Mifflin Co., 1967.
- NAMIUTI, C.; GALVES, C. M. C.; SANDALO, F. Na interface da sintaxe com a morfologia: a colocação de clíticos no português europeu. *In*: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V. (orgs.). **Da Fonética ao Discurso: questões de pesquisa**. São Carlos: Claraluz, 2012.
- PAIXÃO-DE-SOUSA, M. C. **Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2004.
- PÉCORA, A. **Teatro do sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994. 286 p.
- PEREIRA, M. B. A sintaxe inovadora do objeto indireto no português brasileiro. *In*: ENCONTRO DO CELSUL, 10, 2012, Cascavel, PR. **Anais [...]**. Cascavel, 2012. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/10/artigos/ManoelBomfim-Pereira.htm>. Acesso em: 23 jun. 2013.
- PESSOA, F. II. Os avisos. *In*: PESSOA, F. **Mensagem**. Lisboa, 1934.
- RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. *In*: HAEGEMAN, L. **Elements of Grammar: Handbook of Generative Grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281–338.
- SARAIVA, A. J. **História da Literatura Portuguesa**. Livraria Bertrand. Lisboa, 1979.

SOARES, E. C; RIBEIRO, P. N. O status dos clíticos no português brasileiro: análise de algumas de suas propriedades em HPSG. **ReVEL**, edição especial, n. 5, 2011.

VIEIRA, A. **Sermões**. Cinco volumes. Porto: Lello e Irmão, 1993.

VIEIRA, A. **Sermões**. Prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Porto, Livraria Chardron - Lello & Irmão Editores, 1907.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Dados

SUBIDA

Nº	Sentença	Sermão	Código
1.	A questão do dia do <u>Juiso</u> , e fim do mundo, póde-se excitar de dois modos e em dois sentidos: ou mais largamente quanto aos annos, ou mais estreita e determinadamente quanto ao dia.	Primeira Dominga do Advento I	64
2.	Não vos quero ter suspensos	Primeira Dominga do Advento I	67
3.	e se eu lhe pedira o commento, não o pudéra escrever com mais ajustadas palavras: [: <i>Quia quod in die judicii futurum est omnibus, singulis in die mortis completur.</i>]	Primeira Dominga do Advento I	71 ^a
4.	Então hão se de examinar as obras	Primeira Dominga do Advento I	71b
5.	então ha se de pronunciar a sentença	Primeira Dominga do Advento I	71c
6.	Finalmente, no dia do <u>Juiso</u> ha se de acabar a vida com o mundo	Primeira Dominga do Advento I	78 ^a
7.	mas com o mesmo mundo se hão-de acabar também os encargos da vida;	Primeira Dominga do Advento I	78b
8.	Logo <u>n'este</u> sentido se hão-de entender as Escripturas, tantas e tão expressas, as quaes todas dizem que vem Christo ao <u>Juiso</u> particular.	Primeira Dominga do Advento I	81
9.	Pois assim o póde conhecer cada um de si, dentro em si mesmo	Primeira Dominga do Advento I	94
10.	Porque a <u>estatuá</u> , na dureza dos metaes de que era composta, e no mesmo nome de <u>estatuá</u> , parece que representava estabilidade e firmeza: e porque nenhum <u>d'aquelles imperios</u> havia de perseverar firme e <u>estavel</u> , mas todos se haviam de mudar successivamente, e ir passando de umas nações a outras; por isso [<i>os tornou a representar</i>] na variedade das carroças, na <u>inconstancia</u> das rodas, e na carreira e velocidade dos cavalos	Primeira Dominga do Advento II	105
11.	E com este desengano da vida passada e desesperação da futura, os iam todos vêr	Primeira Dominga do	108

		Advento II	
12.	e elles se deixaram tratar em tudo como homens, acceitando a sua meza e os outros agasalhos da hospedagem.	Terceira Domingo do Advento I	176
13.	não o podia cuidar com razão, porque elle sabia mui bem que era da tribu de Levi, e que o Messias havia de ser da tribu real de Judá	Terceira Domingo do Advento I	177
14.	Se os lobos não fossem tão sagazes em despintar a pelle, com os olhos se pudéra provar hoje o cumprimento <u>d'esta profecia</u>	Terceira Domingo do Advento I	180
15.	não se hão-de contar	Terceira Domingo do Advento I	193
16.	<u>n'esta vida já nol-as começa a pagar com a segurança <u>d'ella</u></u>	Terceira Domingo do Advento I	200
17.	Ora antes que desfaça a <u>apparencia d'estas objecções</u> , quero-as convencer com a <u>evidencia</u> de um exemplo, que todos trazemos diante dos olhos, e <u>ninguem póde</u> negar.	Terceira Domingo do Advento II	204
18.	e, primeiro com a morte, e depois com a venda, lhe quizeram impedir a <u>preeminencia</u> sonhada	Terceira Domingo do Advento II	210
19.	Segundo esta conta, muitos dos que hoje são vivos, se pódem achar presentes a toda a <u>tragedia</u> do dia do <u>Juiso</u> , e <u>vêr os</u> horrendos signais que <u>hão-de</u> preceder	Primeira Domingo do Advento I	66
20.	Os encargos da vida, que mais inquietam e affligem na morte, hão se de acabar com o mundo: porque então não <u>ha-de</u> haver requerimentos de credores nem satisfação de criados, nem accommodamento de filhos nem disposição da casa, <u>nemdividas</u> , nem restituições, nem nomeação de herdeiros, e testamenteiros, nem testamentos, nem codicillos, nem mandas ou demandas (tantas quantas são <u>asclausulas</u>), nem sepultura, nem funeraes, nem tantas outras perturbações e embaraços, que primeiro afogam a alma, do que ella <u>sáia</u> do corpo	Primeira Domingo do Advento I	78
21.	Quando Deus pede conta e dá tempo, ainda os que <u>teem</u> más contas, as pódem dar boas, como aconteceu <u>áquelle</u> rendeiro do Evangelho, a quem o pae de <u>familias</u> disse: [: <i>Redde rationem villicationis.</i>]	Primeira Domingo do Advento I	86 ^a
22.	então nenhum que viveu mal a póde dar boa	Primeira Domingo do Advento I	86b

23.	Assim como n'esta vida <u>ha</u> grande differença dos grandes e poderosos, aos que o não são, assim a ha-de haver no dia do <u>Juiso</u>	Primeira Domingo do Advento I	90
24.	e quem então lhe levantasse figura, facilmente lhe podia prognosticar os <u>tres</u> captiveiros e transmigrações com que foi arrancada da <u>patria</u> . Uma vez captiva por Salmanasar, em que passou desterrada aos <u>Assyrios</u> ; outra vez captiva por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos <u>Babylonios</u> ; e a terceira e <u>ultima</u> vez captiva por Tito e Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras e nações do mundo.	Primeira Domingo do Advento I	109
25.	O Baptista nem o podia cuidar com razão, nem o podia dizer em <u>consciencia</u>	Terceira Domingo do Advento I	177
26.	nenhuma benção se podia dar á lua mais venturosa, que o não crescer, porque se não <u>crescèra</u> , não <u>minguára</u>	Terceira Domingo do Advento I	184
27.	Ainda que sejam mais os que dizem uma coisa, nem por isso se hão-de ter por prophetas.	Terceira Domingo do Advento I	191 ^a
28.	e o que custou este preço, não se ha-de dar por nenhum preço	Terceira Domingo do Advento I	193
29.	<i>Os que a vêem sicut aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, e param aqui; deixam-se levar da riqueza do dote, e da formosura da esposa</i>	Terceira Domingo do Advento II	206
30.	No tempo da paz póde-se soffrer , que se deem os logares <u>ás</u> gerações;	Terceira Domingo do Advento II	199
31.	Outra vez dizendo-lhe <u>Esaü</u> que estava morrendo <u>á</u> fome, soube-se aproveitar tão bem da occasião, e tão mal das obrigações da irmandade, que lhe não quiz emprestar o soccorro da vida, senão a preço do mesmo morgado, sujeitando-o <u>á</u> força da necessidade a que <u>lh'o</u> vendesse	Terceira Domingo do Advento II	214
32.	É assim como ao sexto dia da creação se seguiu o <u>setimo</u> , em que diz a Escriptura, que descansou Deus de tudo o que tinha obrado, e depois <u>d'este</u> dia não se conta outro; assim ao sexto <u>millenario</u> da duração do mundo, se ha-de seguir o <u>setimo</u> , sem fim, no descanso da eternidade	Primeira Domingo do Advento I	65
33.	E posto que para o seu intento, e para o nosso temor servia mais diminuir o número dos que se salvam; segundo, porém, a sua <u>presciencia</u> , e a verdade da sua doutrina, não o podia alterar nem diminuir	Primeira Domingo do Advento I	90
34.	mas como os talentos Deus é quem os dá, e não os paes, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções	Terceira Domingo	199

		do Advento I	
35.	Mas esta não a pôdem ter os que morrem em quanto dura o mundo, e tanto menos, quanto mais tiverem <u>d'elle</u>	Primeira Dominga do Advento I	77
36.	Que tem irem-se buscar as coisas onde as não <u>ha</u>	Terceira Dominga do Advento I	185
37.	o discurso verdadeiro não se pôde fazer sem todas as <u>noticias</u>	Terceira Dominga do Advento I	194 ^a
38.	e todas as <u>noticias</u> só as pôde ter quem viu com os olhos	Terceira Dominga do Advento I	194b
39.	Pois se a quem vos não busca dizeis que vos siga, a quem vos quer seguir , porque o não acceitaeis em vosso serviço?	Terceira Dominga do Advento II	202c
40.	E porque ella não é só dos que governavam a <u>côrte de Jérusalem</u> , senão do supremo Governador, e Mestre do mundo, e por isso verdadeiramente christã, não será <u>materia</u> alheia, senão muito <u>propria</u> d'este lugar, e mais <u>propria</u> , ainda, do tempo presente, se eu a souber persuadir como pretendo.	Terceira Dominga do Advento II	202d
41.	e comtudo <u>ninguem</u> o pôde descobrir , nem novas <u>d'elle</u>	Terceira Dominga do Advento II	207

NÃO - SUBIDA

Nº	Sentença	Sermão	Código
1.	Costumam as Letras seguir-se as Armas, porque tudo leva após si o maior poder	Primeira Dominga do Advento II	107
2.	Veiu um homem offerecer-se a Christo para o seguir a qualquer parte	Terceira Dominga do Advento II	202
3.	Prometti de vos dizer com certeza quando <u>ha-de ser</u> o dia do <u>Juiso</u>	Primeira Dominga do Advento I	67
4.	Repetiu o Evangelista <u>tres vezes</u> a mesma affirmação (dizem os Doutores) porque lhe pareceu que <u>fôra</u> tão grande coisa confessar o Baptista que não era o Messias, que se o dissera menos vezes, nem elle se <u>acabára</u> de explicar, nem nós acabaramos de o crêr .	Terceira Dominga do Advento I	177

5.	e deixarão de o ir buscar aos desertos, onde o não <u>ha</u>	Terceira Dominga do Advento I	184
6.	O zelo, uma virtude tanto do céu, ha-de comparar-se ao inferno?	Terceira Dominga do Advento I	188
7.	Os prophetas hão-de-se pezar ,	Terceira Dominga do Advento I	193
8.	mas em quanto o carro estiver na campanha, hão-de-se dar os logares a quem melhor puxar.	Terceira Dominga do Advento I	199
9.	Na outra vida ha-de-nos pagar Deus as boas obras com a posse da <u>gloria</u> ;	Terceira Dominga do Advento I	200
10.	Houve de se prover este <u>officio</u> a primeira vez,	Terceira Dominga do Advento II	208
11.	Nem o Baptista podia enganar, nem Christo podia enganar-se :	Terceira Dominga do Advento I	197

APÊNDICE B - Classificação dos Fatores

ORDEM E NATUREZA DOS CONSTITUINTES								
Posições pré-verbais do verbo finito (1,2 e 3)			Posição do verbo finito	Posição pós-verbal do verbo finito	Posição pré-verbal do verbo não-finito	Posição do verbo não-finito	Posições pós-verbais do verbo não-finito (1 e 2)	
P- PRE- Vf-3	P- PRE- Vf-2	P- PRE- Vf-1	Pvf	P-pos-vf	P-pre-vnf	Pvnf	P-pos-vnf-1	P-pos-vnf-2
\\ : Vazio (quando não há constituinte na posição pós-verbal vf)			vf	Cl: clítico em ênclise ao verbo finito	Prep: preposição	vnf	Cl: clítico em ênclise ao verbo não finito	\\ : Vazio (quando não há nenhum outro constituinte em posição pós-verbal vnf)
								\\ : Vazio (quando o CL está em outra posição e não há nenhum outro constituinte em posição pós-verbal vnf)
Cl: clítico em próclise ao vf com ou sem interpolação				\\ : Vazio (quando o CL está em outra posição)	Cl em próclise ao verbo não finito			Neg: operador de negação sentencial “não”
								Adv-Neg: Advérbio negativo (nunca, jamais)
								Suj-DP: Sujeito nominal
								Suj-Q: Sujeito Quantificado por quantificador Universal

Suj-Q: Sujeito Quantificado por quantificador Universal	OD: DP complemento direto
OD: DP complemento direto fronteado	OD-p: PP Complemento direto preposicionado
OD-p: PP Complemento direto preposicionado	PP: complemento indireto ou oblíquo
PP: complemento indireto ou oblíquo	PP: Sintagma Preposicional Adjunto
PP: Sintagma Preposicional Adjunto	AdvP: Sintagma adverbial com função de adjunto
AdvP: Sintagma adverbial com função de adjunto	Or: oração adjunta (subordinadas adjuntas)
Or: oração adjunta (subordinadas adjuntas)	foc: Partículas, preposições ou advérbios de focalização (até, já ...)
conj: Conjunção coordenativa	outro: constituintes previstos para o constituinte marcado como outro é necessário comentá-lo na coluna de comentários
foc: Partículas, preposições ou advérbios de focalização (até, já ...)	
outro: constituintes previstos para o constituinte marcado como outro é necessário comentá-lo na coluna de comentários	

APÊNDICE C – Metodologia

Vitória da Conquista, 04/10/2018

Cristiane Namiuti

Buscas realizadas em setembro de 2018 - Scripts elaborados por Cristiane Namiuti - maio - setembro de 2018

					Resultado da busca	Resultado após classificação e análise
O que o script pretende buscar	Arquivo de busca (script)	Query utilizada	COMENTÁRIO	Exemplo	V004	V004
Dados de subida de clítico em orações Matrizes (o verbo flexionado do complexo verbal é núcleo de um IP-MAT).	CliticClimbing-matriz.q	query: (IP-MAT iDomsMod [1]NP* CL) AND ([1]NP* SameIndex **)	Como o script apenas prevê a coindexação do NP cl com a categoria vazia e a dominância imediata por um IP-Matriz, espera-se que com esta busca qualquer caso de subida de clítico seja recuperado, independente da natureza do complemento do verbo flexionado (IP-INF, PP, IP-GER, ...). Também espera-se que com esta busca sejam recuperados casos de clíticos Genitivos, mas como foram poucos os dados decidimos não as refinar e separar manualmente os casos no momento da classificação e análise dos dados.		~66/65/2201	
Complementando Dados de subida de clítico em orações Matrizes com complexo verbal contendo verbo no particípio (VB-PP). PARA DADOS DE CLIMBING E NOCLIMBING, pois prevê qualquer ordenação do clítico em relação aos verbos	complementando-clitic_climbing_part-matriz.q	query: (IP-MAT iDomsMod NP* CL) AND (IP-MAT iDoms flex_vb) AND (IP-MAT iDoms VB-PP*)	Query adaptada da clitic_climbing_part.q de Aroldo Andrade - Ao avaliar os resultados dos testes feitos com as queries de Aroldo verificamos que a busca acima não contemplava alguns casos com particípio. Foi retirada a última linha da query de Andrade e o resultado foi idêntico. Então para não definir uma relação de precedência do clítico retiramos a última linha daquele script e especificamos o IP raiz, pois neste momento só estamos analisando a subida em IP-MAT.	(1 IP-MAT (2 CONJ E) (4 ADVP (5 ADV comtudo)) (7 PP (8 P desde) (10 NP (11 D-F a) (13 PRO\$-F sua) (15 N eternidade))) (17 NP-ACC (18 CL o)) (20 TR-D tinha) (22 NP-SBJ (23 NPR Deus)) (25 VB-PP destinado) (27 PP (28 P para) (30 NP (31 ADJP (32 NP (33 OUTRO-F outra)) (35 CONJP (36 CONJ e) (38 ADJP (39 ADV-R mais) (41 ADJ-G universal)))) (43 N tiara) (45 PUNC .)	~1/1/2201	1

Complementando Dados de subida de clítico em orações Matrizes com complexo verbal contendo verbo no particípio analítico (VB-AN) tendo como categoria de Dominância imediata o IP que também domina imediatamente o verbo. PARA DADOS DE CLIMBING E NOCLIMBING, pois prevê qualquer ordenação do clítico em relação aos verbos	complementando-clitic_climbing_pass-matriz.q	query: (IP-MAT iDomsMod NP* CL) AND (IP-MAT iDoms flex_ser SR-PP) AND (IP-MAT iDoms VB-AN* ET-AN* HV-AN* SR-AN* TR-AN*) AND (flex_ser SR-PP Precedes VB-AN* ET-AN* HV-AN* SR-AN* TR-AN*)	Query adaptada da clitic_climbing_pass.q de Aroldo Andrade, seguindo o parâmetro da adaptação de clitic_climbing_part.q - Esta busca não retorna nenhum dado, talvez por que os predicados com VB-AN sejam sempre anotados com uma categoria ADJP e IP-SMC dominando o particípio. O Script mais geral CliticClimbing-matriz.q, de Cristiane Namiuti, retornou casos com particípios anotados como passivos (VB-AN).	Não vi ilustração deste caso no manual do Tycho, mas como Aroldo previu, considere.	~0/0/2201	0
Dados de Não-subida em domínio de IP-INF	NO_clitic_climbing-inf-matriz.q	query: (IP-MAT iDoms IP-INF) AND (IP-INF iDomsMod NP* CL)	Para a não subida do clítico houve a necessidade de elaborar mais queries uma vez que não se pode contar com anotação específica para a não subida.		~2/2/2201	2
Dados de Não-subida em domínio de IP-INF dominado por PP	NO_clitic_climbing-pp-matriz.q	query: (IP-MAT iDoms PP*) AND (PP* iDoms IP-INF) AND (IP-INF iDomsMod NP* CL)	quando o verbo não finito é introduzido por preposição		~11/11/2201	11
Dados de Não-subida em domínio de particípio IP-GER	NO_clitic_climbing-ger-matriz.q	query: (IP-MAT iDoms IP-GER) AND (IP-MAT iDoms tns_vb) AND (tns_vb Precedes IP-GER) AND (IP-GER iDomsMod NP* CL)	Query adaptada de clitic_climbing_ger.q e clitic_nomclimbing_ger, de Aroldo Andrade, para verbos no gerúndio.	Retornou dois casos na busca em V004, mas não eram dados de não subida e foram desconsiderados.	~2/2/2201	0
Dados de Não-subida em domínio de particípio PP	complementando-clitic_climbing_part-matriz.q	o mesmo script para climbing	quando o verbo não finito é um particípio - relação de irmandade entre Vflex e o particípio PP		*****	0
Dados de Não subida em domínio de particípio AN (Não vi ilustração deste caso no manual do Tycho mas como Aroldo previu, considere).	complementando-clitic_climbing_pass-matriz.q	o mesmo script para climbing	quando o verbo não finito é um particípio - relação de irmandade entre Vflex e o particípio AN.	Não vi ilustração deste caso no manual do Tycho mas como Aroldo previu, considere.	****	0
Dados de Não subida em small clauses - domínio de particípio AN	complementando-clitic_climbing_pass-matriz.q	query: (IP-MAT iDoms IP-SMC) AND (IP-MAT iDoms tns_vb) AND (tns_vb Precedes IP-SMC) AND (IP-SMC iDomsMod NP* CL)	Creio não ser possível um caso de não subida nos contextos de SMC (small clauses)		~0/0/2201	0